

Jogos Perversos

SHAYLA BLACK

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Capítulo Um

Alguma vez se quis abandonar nas mãos de um homem cujo único objetivo fosse dar-lhe prazer?

As palavras explodiam no ecrã do portátil de Morgan O'Malley. Ela sugou o ar, numa inspiração abrupta e chocada. Conhecera aquele homem numa sala de *chat online* há menos de três minutos. Como é que ele podia saber aquilo?

Devia ter adivinhado. Só podia ter adivinhado. Ela não lhe revelara nada sobre si mesma; nem uma só coisa, a não ser o nome e o facto de o querer entrevistar para o seu programa de televisão por cabo.

No entanto, através do seu silêncio chocado, ele continuava a desvelar as camadas dos seus segredos.

Quer que um homem olhe para dentro de si, veja as suas fantasias, as mais secretas, aquelas que não revela sequer às suas amigas, e faça com que todas elas se tornem realidade?

Uma onda de excitação enroscou-se na barriga dela. Sentiu as palmas das mãos começarem a suar. Morgan engoliu em seco.

Na sala de estar silenciosa, coberta pelas sombras das muitas cores do lusco-fusco, Morgan contorceu-se no sofá de cabedal preto, empurrando os desejos cuja existência não queria admitir para o fundo da sua mente.

Aquilo era trabalho. *Ele* era trabalho. Não era muito boa ideia sentir-se atraída pelo próximo entrevistado do seu programa. Podia ser um programa noturno de televisão por cabo, mas *Turn Me On* era o seu trabalho, a sua criação, a sua pequena rebelião... a sua vida.

Além disso, ansiar por um homem cujo nome verdadeiro desconhecia, cujo rosto nunca vira — em cujo estilo de vida não devia sequer pensar —, era um disparate.

Então, Mestre J, é isso que faz um dominante?, escreveu em resposta, determinada a manter a conversa leve. Distribuir fantasias?

É uma das coisas, respondeu ele, passado algum tempo. Mas isso seria simplificar demasiado a relação. O seu papel mais importante é ganhar a confiança do seu parceiro. A confiança é importante em qualquer relacionamento, mas é-o especialmente numa relação que envolve Domínio/submissão. Sem isso, como pode uma mulher entregar-se livremente aos cuidados de um homem e saber que o seu bem-estar e a sua segurança estão sempre em primeiro lugar? Como pode ela saber que o seu mestre a vai compreender e tornar realidade todas as suas perversas fantasias?

O domínio não consistia apenas em atar alguém à cama e comê-lo contra o colchão? A surpresa enrugou a testa de Morgan. Confiança, cuidado, compreensão — tinha de admitir que aquilo soava como uma fantasia em si mesmo. Sem dúvida que aquelas qualidades tinham estado em falta na sua relação com o ex-noivo, Andrew, em especial a parte da compreensão.

A confiança permite a uma mulher ligar-se a uma parte primitiva do seu ser que deseja a rendição absoluta de se colocar à mercê do seu mestre, apesar de não saber se os seus planos para ela incluem prazer, dor, ou ambos.

Morgan não podia negar que Mestre J a intrigava ainda mais agora do que quando um dos seus assistentes de produção, Reggie, lhe entregara a sua biografia.

Saltando para o *email*, abriu a biografia que lhe tinham dado e voltou a lê-la por alto.

Membro da cena BDSM e D/s durante quase dez anos, Mestre J é experiente em todas as facetas, mas continua a aprender. É dono de uma empresa de segurança privada e já foi guarda-costas de senadores, diplomatas internacionais e atletas. Formado em West Point, também serviu nas Forças Especiais do exército, como chefe de equipa, antes de ter sido dispensado com menção honrosa.

Morgan fechou o *email* com um clique. O parágrafo revelava muito sobre o homem cujas palavras a tinham feito estremecer com fantasias obscuras. Autodisciplina, honra, força. Contudo, ao mesmo tempo, a súmula publicitária dizia pouco. Quem era aquele tipo? Seria ele, de facto, capaz de prender e provocar uma mulher até a deixar a suplicar?

Morgan? O nome dela saltou no ecrã. Ainda aí está?

Desculpe. Estava a pensar. É óbvio que tenho muito para aprender se quero fazer o programa como deve ser. Pensei que se tratava de cordas de veludo e algemas.

Isso também faz parte. 😊

Ela riu, empurrando a ânsia que se enroscava na sua barriga... e mais abaixo. Um pouco de curiosidade não fazia dela uma mulher depravada. De maneira nenhuma. Era simplesmente interessante ver como vivia a outra metade da sociedade.

Mas é também uma troca de poder e confiança, escreveu ele. Uma mulher escolhe entregar-se ao domínio do mestre sobre o seu corpo e a sua mente. Rende a sua carne e o seu livre-arbítrio a tudo o que ele desejar.

Que tipo de rendição é essa?, insistia em saber uma voz dentro dela. Mil imagens escuras abriram caminho até ao seu cérebro, vindas das profundezas das suas fantasias: ela ajoelhada em frente ao pénis daquele estranho, ele ordenando-lhe que afastasse bem as pernas só para poder olhar para ela; ela presa à cama dele, enquanto ele se preparava para tomar o que desejasse.

Perturbada pelo rumo chocante que os seus pensamentos tinham tomado, abanou a cabeça para os afastar. E ignorou a respiração acelerada.

Muitas pessoas tinham fantasias com *bondage*, numa altura ou noutra, lera. O facto de ela ter uma ou duas era normal, independentemente do que Andrew dizia.

Morgan voltou a contorcer-se contra as almofadas de cabedal, ignorando o aumento da humidade entre as suas pernas.

Mas uma relação D/s também é muito mais, escreveu Mestre J.

Como é que pode prender uma pessoa com grilhetas, vendá-la e fechá-la em quartos escuros, mas ainda assim ganhar a sua confiança? Como é que se pode desenvolver uma relação emocionalmente gratificante quando uma pessoa tem todo o poder?

Não é assim.

O olhar de Morgan ficou preso ao ecrã, enquanto esperava por mais. Durante um longo e silencioso momento, ela susteve a respiração... mas nada. Mestre J não ia continuar a sua resposta. Tal como no quarto, supôs. Ele tinha o poder de dar ou sonegar.

Por fim, surgiu uma resposta mais longa na janela da sala de *chat*.

Lamento, mas recebi uma chamada urgente. Tenho de ir. Se achar que tenho os conhecimentos necessários para a ajudar com o seu programa, encontremo-nos. Nessa altura responderei a todas as suas perguntas. Num local público, para que não tema que eu seja um assassino em série determinado a atraí-la para o perigo. Consigo falar mais depressa. Sou um mestre em muita coisa, mas não na datilografia <g>. Continuo a ter de procurar as letras, uma de cada vez.

Morgan afastou a sua impaciência. Não era difícil, já que o tipo a fazia rir com as suas piadas.

Compreendo, respondeu. Podemos encontrar-nos amanhã, às 3? Pes-

quisei no Google e encontrei um espaço que parece ser popular em Lafayette, chamado La Roux. Sabe onde fica?

Chère, sou um nativo. Conheço todas as rachas no passeio por estas bandas.

Morgan sorriu e escreveu: *Cher? Não sou assim tão alta e não tenho idade suficiente para ter uma carreira musical desde os anos 60!*

LOL. Significa querida em francês, traduziu ele. Sou Cajun, por isso, cresci a falar a língua.

Morgan leu a resposta e ignorou a pequena borboleta na sua barriga. O *flirt* é uma coisa francesa e ele tinha sido criado naquela cultura. Decerto lhe era tão natural quanto respirar.

<corada> Acho que vivi demasiado tempo em Los Angeles. Vemo-nos amanhã?

Vemos. Como a reconhecerei? Há muitas raparigas bonitas no Luisiana. Quero ter a certeza que revelo os meus segredos mais profundos à rapariga certa.

Era encantador, apostou Morgan. Teria de o ser dado o seu interesse em chicotes e correntes. Decerto a maior parte das mulheres “normais” fugiriam aos gritos perante a ideia de um pouco de dor e muita obediência nas suas relações sexuais.

Usarei um chapéu de palha, óculos de sol e um grande gabão, respondeu.

Parece-se mais com um disfarce, replicou Mestre J.

Ele nem fazia ideia. E ela não ia publicitar o facto de ter um assediador. Morgan só esperava que a razão por que precisava de usar um disfarce fosse apanhada e começasse a apodrecer no inferno muito em breve.

Vemo-nos amanhã, lançou-lhe ela.

Au revoir.

Uma mensagem no ecrã, instantes mais tarde, disse-lhe que Mestre J tinha deixado a sala de *chat* privada. Com um suspiro, preparou-se para fechar a janela da sala de *chat*.

A mão dela tremia. Não, todo o seu corpo tremia apesar do calor que serpenteava sob a pele.

Estava cansada, mais nada.

O cansaço não provoca sensações em locais muito privados, provocou a voz na sua cabeça. O cansaço não te deixa molhada.

— O cansaço faz-me ouvir vozes irritantes dentro da minha cabeça — resmungou.

Tentou afastar Mestre J, o homem, e concentrar-se nas questões que lhe ia colocar no dia seguinte. Teria de entregar em breve o esboço do programa e queria estar preparada para lançar a sua segunda temporada com estrondo. Já tinha um conjunto crescente de fãs de culto. Com o material certo, o programa podia disparar.

O que significava que tinha de manter os olhos fixos no prémio e concentrar-se no trabalho.

Contudo, depois de dez minutos a olhar para o ecrã vazio, Morgan admitiu que Mestre J não lhe saía da mente. O que é que ele tinha de especial?

Para além do facto de viver as fantasias por que tu ansiaste?

Morgan abanou a cabeça, determinada a ignorar aquela vozinha enlouquecedora. Ela era curiosa, não desviante. Independentemente do que Andrew pudesse dizer ou a sua mãe pudesse pensar.

Com um suspiro, levou a mão ao telefone e marcou o número do assistente de produção em Los Angeles.

— Reggie — disse quando este atendeu. — Ouve, falei com o tal Mestre J, cujo contacto me arranjaste, e li a biografia do tipo. Vamos encontrar-nos amanhã. Qual é a cena dele? Aprender qualquer coisa nova?

— Sim — respondeu o homem mais velho, a voz rouca devido ao vício que o levava a fumar dois maços de cigarros por dia. — Fiz algumas chamadas para o Luisiana, perguntei a pessoas dos clubes de *bondage* se já tinham ouvido falar nele, só para ter a certeza que é legítimo. Confirma-se.

Isso era um alívio — só que não era. Reggie depressa se tinha tornado como um pai substituto e ela confiava nele. Contudo, ignorar a sua curiosidade sobre Mestre J teria sido muito mais fácil se Reggie não tivesse sido capaz de confirmar as suas credenciais. Se ao menos ela o pudesse ter ignorado como mais um maluco que queria falar de sexo na televisão.

Morgan mordeu um lábio... mas a sua natureza inquisitiva levou a melhor.

— O que é que disseram sobre ele?

— Uma data de coisas. É relaxado, não está demasiado embrenhado no estilo de vida, mas é bastante regular em alguns clubes. Ao que parece, tem jeito com as mulheres e igual reputação. Mais do que uma das pessoas com quem falei disse que ele seria capaz de fazer a Madre Teresa implorar por ser amarrada e comida. Não há dúvidas de que quer uma mulher submissa. Ouve, não estás interessada, pois não?

— O quê? — O coração de Morgan saltou algumas batidas. — Eu? Não! — escarneceu. — Porque haveria de estar interessada num brutamontes que se excita a fazer com que uma mulher se sinta inferior?!

— Tens a certeza? — Reggie parecia cético.

— Pareço-te o tipo de pessoa que se mete nestas coisas? — respondeu-lhe.

Reggie não disse nada. A aflição serpenteou através de Morgan.

Um barulho na fechadura da porta da frente fez com que a cabeça de Morgan se virasse noutra direção. Suspirou de alívio quando o meio-irmão, Brandon, entrou, empurrando a porta com o ombro.

— Tenho de ir — disse a Reggie. — Ligo-te amanhã, depois de falar com este tipo.

— Olá, maninha — saudou Reggie, enquanto ela desligava.

Afastando a conversa com Reggie da sua mente, ela levantou-se e ergueu-se na ponta dos pés para o abraçar.

— Olá. Tiveste um bom dia?

A boca aristocrática dele cerrou-se num beicinho.

— Não propriamente. Vou ter de ir para o Iraque durante as próximas três semanas.

A surpresa e, se Morgan quisesse ser honesta, o receio acertaram Morgan em cheio no estômago.

— Iraque? Pensei que passavas a maior parte do tempo atrás de uma secretária.

— A maior parte do tempo, mas há exceções.

— Oh, uau... Porquê para o Iraque?

— É confidencial. — Ele soltou uma gargalhada amarga. — Já sabes como é... Não posso dizer onde estarei nem o que irei fazer. Não terei acesso a um telefone ou a um computador durante a maior parte do tempo. Morgan, não te quero deixar sozinha. É perigoso e sei que estás assustada.

Ela engoliu em seco. Brandon já tinha feito tanto ao acolhê-la, apesar da ira do Paizinho Querido, protegendo-a do patife que a perseguia. Ela estava assustada, mas não podia deixar que Brandon se sentisse culpado por fazer o seu trabalho.

— Ficarei bem. — Havia de pensar em qualquer coisa... tinha de pensar. — Estou ocupada com o trabalho. Ficarei bem.

— Se acontecer alguma coisa, acho que devias ligar ao pai.

Morgan fitou-o de boca aberta, engolindo uma gargalhada sarcástica.

— Ele pode ser o teu pai. No meu caso, é puramente uma questão de biologia, afinal há vinte e cinco anos que ele nega a minha existência.

Brandon suspirou.

— Morgan, sabes como as coisas são na política, em especial no Sul. Se as pessoas soubessem que ele teve um caso com uma voluntária maior de idade por pouco, com a mulher e três filhos pequenos em casa...

— Sei que isso seria a ruína do senador do grande Estado do Texas.

— Já se fala de uma corrida à Casa Branca em 2012. — A simpatia e o arrependimento entrelaçavam-se no seu rosto atraente.

— É precisamente por isso que não lhe posso ligar. De qualquer forma, ele não atenderia as minhas chamadas.

— Atenderia, se estivesse em perigo. O pai pode proteger-te.

Morgan tinha as suas dúvidas, mas não disse nada.

— É pena que não lhe possamos dizer que sou a tua noiva. Parece estar a funcionar com toda a gente.

— Hmm. Se o nosso verdadeiro relacionamento alguma vez fosse descoberto, teríamos de admitir que éramos incestuosos ou mentirosos. Não são escolhas engraçadas.

— Esperemos que as coisas não cheguem a esse ponto. Acho que o meu sinistro assediador não sabe que deixei L.A., por isso não faz ideia onde me encontrar.

Acenando, Brandon começou a percorrer o correio do dia. Quando chegou a um grande envelope castanho, franziu o sobrolho.

— Alguém sabe que estás em Houston?

Para além de Mestre J, que tinha conhecido *online*, há uns meros quinze minutos, Reggie e alguns amigos mais próximos?

— Não.

A ansiedade deslizou como um raio pelo rosto de Brandon.

— Alguém de cá sabe. Isto estava na caixa de correio. Sem nome, sem selo. Foi entregue em mãos.

Ele estendeu-lhe o envelope e Morgan agarrou-o, sentindo o terror a borbulhar-lhe no estômago. Conhecia aquela letra.

Deus do Céu, como é que ele a tinha encontrado ali? E tão depressa?

Não!

Com as mãos a tremer e a respiração entrecortada, abriu o envelope e extraiu o conteúdo. Ao fazê-lo, pétalas de rosas vermelhas com centros húmidos e orlas secas flutuaram até ao chão de madeira amarela. Pareciam-se ligeiramente com gotas de sangue espalhadas à sua volta.

Morgan arquejou. *Ele* sabia que ela estava ali. Como é que a tinha encontrado?

Então fixou o olhar nas fotografias. Imagens dela, uma a chegar ao LAX no dia em que fugira para Houston. A seguinte dela no jardim das traseiras de Brandon, envergando umas finas calças de fato de treino e um top de alças, os mamilos endurecidos pela brisa fria da manhã. Na última foto, ela tinha vestida uma camisa de dormir de seda e renda, cor de malva, com um robe a condizer, e beijava o rosto de Brandon; encontravam-se no acesso e ele estava de saída para o trabalho. Tinha sido tirada naquela manhã.

— São do teu assediador, não são? Ele esteve aqui. Filho da mãe! — Brandon passou a mão pelo cabelo castanho, desalinhando o corte respeitável. — Vou chamar a polícia.

Deus, como ela gostava que fosse assim tão simples.

— Eles não podem fazer nada. A polícia de L.A. disse-me que ele tinha de fazer algo ilegal antes que pudessem realizar qualquer esforço para o encontrar. Tirar fotografias não é contra a lei.

— Ele esteve na minha propriedade. — Brandon ergueu a fotografia dela nas traseiras da casa de construção irregular, em Houston, os dedos grandes amachucando a fotografia. — O pátio das traseiras é propriedade privada. A única forma de tirar esta fotografia é invadindo a minha propriedade. Foi violada uma lei.

Brandon agarrou no telefone sem fios mais próximo e ligou para o 112. Morgan limitou-se a abanar a cabeça.

Embora Brandon estivesse certo, duvidava que a polícia de Houston se sentisse mais motivada a fazer alguma coisa do que a polícia de L.A. Quem quer que fosse, não tinha roubado nada, nem vandalizado nada. Não tinha magoado ninguém — ainda. Morgan podia sentir a sua raiva a aumentar na frequência do contacto, no facto de ele a ter seguido até ao Texas. E a polícia não queria saber o que lhe dizia o seu instinto.

Brandon desligou o telefone.

— Estarão aqui em breve.

Morgan limitou-se a encolher os ombros... e a tentar acalmar o pânico que borbilhava dentro dela.

Sem mais nada para fazer a não ser esperar, começou a guardar as fotografias de novo no envelope. Quando encontrou uma obstrução, compreendeu que havia algo mais ali dentro. Enfiou a mão por entre as camadas de papel, perplexa. Normalmente, o sacana perturbado só enviava fotografias — fotografias desconcertantes, perturbadoramente privadas, mas nada mais que isso.

Não daquela vez.

Do envelope castanho, de aspeto benigno, retirou uma tira de papel, onde algo tinha sido escrevinhado com uma feia caligrafia preta.

Tu pertences-me. Só a mim.

Morgan engoliu o enorme nó de medo. Agora, ele estava a comunicar com ela. A comunicar-lhe. A transmitir-lhe a sua possessividade, a sua raiva por ela poder ter outro homem na sua vida. Aquele lunático não sabia que Brandon era o seu meio-irmão. Tinha acreditado na história que Brandon criara, tanto para explicar a presença dela naquela casa, quanto para afastar aquele psicótico excessivamente zeloso.

Embora a ideia de ficar sozinha assustasse um pouco Morgan, parte dela estava feliz por Brandon ter de partir no dia seguinte. Se lhe acontecesse alguma coisa, não seria por o seu assediador ter decidido afastar a “concorrência” do seu caminho. Nas três semanas em que Brandon estivesse fora, ela haveria de descobrir alguma coisa, encontrar outro sítio para onde ir, de tal forma que, quando Brandon regressasse, ela não continuasse a pôr em perigo o único dos filhos do senador Ross que se preocupava minimamente com ela.

Talvez, como sugeriu Reggie, antes de ela ter deixado L.A., precisasse de um guarda-costas...

— Não fazes realmente ideia de quem seja este canalha? — rosnou Brandon, olhando para o bilhete por cima do ombro.

— Nenhuma. — Morgan abanou a cabeça. — Quem me dera que fizesse. Que eu saiba não tenho colegas descontentes. O meu ex-noivo deixou-me e não o contrário.

— Alguém que visse o teu programa? Um fã que não saiba estabelecer limites?

Morgan encolheu os ombros.

— Talvez. Já antes recebi estranhas cartas de fãs, mas nada assim tão ameaçador ou invasor da privacidade.

— Vou arranjar alguém para descobrir o que se passa, miúda. Não vou deixar que nada te aconteça — prometeu.

Em alturas como esta, Morgan perguntava-se como era possível que ela e Brandon tivessem a mesma proveniência dos outros filhos do senador Ross. Não eram nada parecidos com o senador e a sua restante descendência gananciosa e sedenta de poder.

— Maldição — praguejou ele no silêncio. — Quem me dera não ter de partir amanhã. O carro vem buscar-me às 5 horas e o *timing* não podia ser pior. Merda! O Tio Sam consegue ser uma amante exigente.

Morgan não sabia exatamente o que fazia Brandon; ele não podia dizer a ninguém. Pelas coisas que dissera nos três anos desde que descobrira o segredo do pai e a localizara, calculava que pertencesse aos serviços de informação. Não fazia ideia de quem.

— Se odeias tanto o teu emprego e te queres tanto candidatar a um cargo público como eu sei que queres, porque não o fazes de uma vez?

Pela primeira vez, desde que se conseguia lembrar, o olhar de Brandon evitou o seu. Ele virou-se, cerrando os punhos.

Descerrou-os com um esforço óbvio.

— Não posso — disse em seguida.

No dia seguinte, Morgan deixou-se cair numa cadeira de ferro forjado, numa pequena esplanada, num pitoresco grupo de lojas singulares. A tarde de fevereiro corria pesada, indolente e surpreendentemente abafada. Lutando contra a exaustão, depois de uma noite quase insone, olhou de relance para o relógio. Três horas. Tinha sido rápida na sua viagem desde Houston. Mestre J devia estar quase a chegar.

O pensamento provocou-lhe um aperto no estômago.

Contudo, esse não era o único motivo. Também sentia olhos fixos em

si, a observá-la, a avaliá-la, a sondá-la. Os pelos na parte de trás do pescoço levantaram-se. Ela olhou à sua volta, fitou a multidão. Nada.

Morgan inspirou fundo, tentando esmagar a sua inquietação. Não era difícil imaginar que, se o psicopata a tinha seguido de Los Angeles para Houston, teria prosseguido até Lafayette. Era provável que estivesse em segurança, ali sentada, no meio de uma praça pública banhada pelo sol, mas se ele a reconhecesse, vê-la-ia com Mestre J e retiraria ilações que o deixariam ainda mais zangado do que a suspeita de que ela ia casar com Brandon. Depois, quando a noite caísse e ela ficasse sozinha em casa de Brandon...

Não, agora não podia pensar naquilo. Teria de manter o profissionalismo, de tal forma que, se o seu assediador a visse e assistisse àquele encontro, não presumisse a existência de uma qualquer relação sexual entre ela e Mestre J.

Ajustou o lenço e o chapéu, para ter a certeza que o seu cabelo ficava completamente escondido e ajustou os óculos. Talvez estivesse a ser paranoica. Ninguém a conseguiria reconhecer assim. Talvez, depois da entrevista, se pudesse escapulir para aquela estalagem de ar europeu e aspeto confortável que vira no caminho, para pôr o sono em dia e poder descobrir uma forma de afastar o tipo que a perseguia.

Um empregado aproximou-se dela com um sorriso rasgado, os dentes brancos contra a pele de ébano. Morgan fez os possíveis para lhe sorrir enquanto pedia um chá gelado.

Quando o empregado se afastou, ela puxou o gabão leve, que tinha retirado do roupeiro de Brandon, sobre as costas e levantou o colarinho. O empregado trouxe o chá. Morgan voltou a olhar para o relógio. Três e cinco. Daria apenas mais alguns minutos a Mestre J. Estar ali sentada, a céu aberto, vulnerável aos ataques do homem doente que a andava a seguir... pareceu-lhe, de súbito, muito insensato.

— Deve ser a Morgan.

O sussurro profundo veio de trás dela, pronunciado mesmo junto ao seu ouvido. O bafo quente do homem deslizou-lhe pelo lado do pescoço e ela estremeceu involuntariamente.

Saltou e virou-se, espantada por alguém ter sido capaz de se aproximar dela sub-repticiamente, tendo em conta o quão agitada ela estava. Contudo ele tinha mantido um silêncio absoluto.

E era lindo de morrer.

O cabelo espesso e escuro brincava com a sua testa larga. Um maxilar angular e uma cova no queixo salpicado pela barba que despontava gritavam a sua masculinidade com toda a subtileza de uma explosão sónica. A boca grande erguia-se numa expressão que parecia meio sorriso, meio de-

safio. Mas, oh, os seus olhos. Cativaram-na. Acentuados pelas sobrancelhas negras, aqueles olhos sábios observavam-na, como se ele conseguisse olhar para dentro dela. Como se conhecesse todos os seus segredos.

Ter permitido que o seu olhar descesse também não a ajudou a controlar a sua pulsação. Mestre J tinha cerca de 1,82 metros, ombros largos e um corpo repleto de músculos bem tonificados, evidentes sob a t-shirt preta e justa que a faziam pensar numa montanha com a sua permanência sólida e silenciosa. Ninguém conseguia mover uma montanha. Também ninguém ia mover aquele homem, a menos que este quisesse ser movido.

O simples facto de estar a olhar para ele fez agitar nela a atração e uma dose saudável de luxúria.

Felizmente o seu tempo a sós seria limitado àquele encontro em público. Caso contrário, Morgan não se julgava capaz de ser responsável pelo seu comportamento.

Engoliu em seco, tentando encontrar a sua voz.

— Sim, sou a Morgan.

Quando ele lhe apertou a mão, não se limitou a apertá-la. Demasiado simples. Envolvendo o seu olhar no dela, dobrou-se e levou a mão dela à sua boca, depositando um beijo nos seus dedos.

Oh, Deus do Céu...

Um fogo correu pelo seu braço, transformando a sua pulsação num ruído *staccato*. Ele demorou-se, o seu hálito quente acariciando as costas da mão dela, as pontas dos dedos brincando com o centro, sensível, da palma da mão. Uma explosão de arrepios percorreu-lhe a pele, subiu-lhe pelo braço.

O efeito dele sobre ela não terminou por ali. Pelo contrário, o impacto da sua presença, o seu toque, mergulhou profundamente dentro dela, fazendo com que o desejo começasse a pulsar suavemente entre as suas pernas. Como se o seu clítoris precisasse de anunciar o facto de a sua libido querer ficar nua com aquele homem.

Trabalho, trabalho! A exigência corria na sua mente.

Com um puxão discreto, Morgan libertou a mão. Mestre J sorriu, sentando-se ao seu lado — não à frente — e puxando a cadeira para ainda mais perto. Morgan tentou ignorar a consciência da coxa dele a tocar ao de leve na sua, o formigueiro sob a pele.

— Obrigada por se encontrar comigo aqui, senhor... Como gostaria que o tratasse já que não sei o seu nome?

O sorriso dele parecia provocá-la com a incerteza dela e o conhecimento perverso dele da conversa de cariz sexual que se aproximava.

— Por ora, pode tratar-me por senhor.

— Está bem. Sim, senhor.

Mal as palavras deixaram a sua boca, Morgan compreendeu como soavam sexuais. Como ele tencionara que soassem sexuais. Não apenas defe-rentes, embora também o fossem. Contudo, perto de Mestre J, ela simples-mente não conseguia reunir ar suficiente para dar à sua voz mais força do que um murmúrio rouco.

Como seria chamar-lhe senhor em privado?

Apesar dos óculos de sol que a protegiam, os olhos escuros dele pare-ciam dançar com o conhecimento de todos os pensamentos dela, de todos os seus sentimentos pecaminosos, enquanto sustentava o seu olhar, como se pudesse ler o desejo no seu rosto.

Morgan usou o chá intacto à sua frente como uma desculpa para afas-tar o olhar e vasculhou o cérebro em busca de um tópico neutro, seguro.

Algo difícil de fazer, tendo em conta que ela o convidara até ali para falarem de sexo.

— Ora, de acordo com a biografia que recebi, está no negócio de segu-rança pessoal. É um guarda-costas?

— Exatamente. — Ele encolheu os ombros deliciosamente enormes. — Protejo muitos políticos e as suas famílias, diplomatas, um ou outro atleta.

— Estou certa de que conhece muitas pessoas interessantes. Trabalha com celebridades? — perguntou ela.

Um toque de humor curvou a grande boca dele em algo que se apro-ximava de um sorriso.

— Demasiado amalucadas. Os políticos são mentirosos, mas pelo menos sabemos o que esperar. Vocês, lá em Hollywood, são paranoicos, egocêntricos ou tão psicóticos como as pessoas que vos perseguem. Não, obrigado.

Morgan não conseguia decidir se ficara irritada ou divertida.

— Não sou nenhuma das hipóteses.

— Dê-lhe tempo. — Ele piscou o olho.

Incorrigível descrevia-o na perfeição. Um toque de arrogância entre-laçado com uma dose saudável de *sex-appeal* e de humor provocante. A mistura deslizava muito bem, graças às suas capacidades enquanto sedutor e à pitada de encanto sulista. Não restavam dúvidas de que era letal para o bom senso de uma mulher. Morgan engoliu em seco.

O empregado aproximou-se e Mestre J pediu uma chávena do espesso café de chicória do Luisiana. Ela estremeceu, quando o empregado a trouxe até à mesa, passados alguns instantes.

— Fale-me mais do seu programa. — As palavras dele deviam ter sido um convite, mas Morgan ouviu nelas a ordem subtil. Não rude, não com-pulsiva. No entanto, a sua voz tinha uma nota de aço, uma nota que fez com que o seu estômago ficasse tenso... e o seu útero se apertasse.

— *Turn Me On* combina entrevistas e factos para explorar as diversas facetas da vida sexual tanto de casais já antigos como de namorados recentes, do baunilha ao extravagante. Na última temporada, um dos programas semanais foi sobre etiqueta sexual no primeiro encontro, outro foi sobre “amigos coloridos”, seguido de um sobre casais com fantasias que envolviam tatuagens. Esta será a segunda temporada e fiquei muito entusiasmada por terem apostado na série. Como o canal por cabo oferece programas dirigidos a mulheres e casais, acho que é o casamento perfeito.

— Hmm. Fale-me dos programas desta temporada.

Mais uma vez, aquele comando subtil.

— Bem, ainda estamos na fase das ideias, mas vamos sem dúvida fazer programas sobre fotografia sensual, massagem, pintura erótica com os dedos, e...

— E domínio e submissão.

Morgan engoliu em seco. Tinha ficado presa no seu entusiasmo pelo programa e quase se esquecera que estavam ali para discutir aquele tópico. O tópico que alimentava as suas pecaminosas fantasias noturnas.

— Sim.

Ele ergueu uma sobrancelha escura, num gesto expectante, conseguindo, de alguma forma, parecer cortante, desagradado e não ameaçador, tudo ao mesmo tempo.

Confusa, Morgan fitou-o. O que é que ele queria?

— Sim, senhor — tentou.

O sorriso dele deslumbrou-a, recompensador.

— Muito bem.

— Pensei que tais formas de tratamento estavam reservadas à...

— Parte submissa? Frequentemente, mas contactou-me em busca de uma ou duas lições rápidas. Achei que seria melhor começarmos com um toque de dinâmica e ver como é que se sai. — Inclinou-se para a frente, um cotovelo pousado na mesa. O seu olhar jorrava sobre ela, derretido e imparável. — Sabe o que significa submeter-se a um homem? Render-se por completo?

Morgan tentou inspirar, espantada por descobrir a sua respiração descontroladamente entrecortada. Os olhos dele brilhavam quentes de aprovação.

— Isto... isto não é sobre mim — afirmou, sem fôlego. — Só preciso de transmitir o conceito ao...

— Como pode transmiti-lo sem o provar, *chère*? Uma dentadinha não a vai magoar. — O sorriso que ele lhe dirigiu só podia receber um nome: puro pecado. — Até pode ser que goste.

Isso era precisamente o que Morgan temia.

Fez o seu melhor por lhe dirigir um olhar meramente profissional.

— Não interessa se gosto. Afinal de contas, consegui acabar de filmar o programa sobre casais com fantasias sobre tatuagens sem fazer nenhuma tatuagem. É tudo uma questão de perceber porque é que aquilo é importante para eles.

— Pagar a alguém para gravar um desenho na pele enquanto o seu parceiro observa é muito menos pessoal do que estar vendada, nua e atada para o prazer do seu mestre.

Engolindo em seco, Morgan compreendeu que ele tinha razão. Pior, que a dentadinha que ele lhe oferecia começava a parecer-se mais com um banquete para a sua energia sexual negligenciada.

Não. Desta vez, Adão estava a oferecer a maçã da tentação a Eva e ela era suficientemente esperta para saber o que fazer. Se parecia interessada, era por ele ter colocado tal sugestão na sua cabeça. Era difícil ignorá-lo. Morgan não era tarada, não era o tipo de mulher que se excitava deixando que um brutamontes a acorrentasse e lhe dissesse o que fazer. A ideia era apenas novidade. Tudo o que sentia era curiosidade intelectual a propósito do conceito. Bem, principalmente intelectual. Tal não significava que devesse ceder.

Mesmo se Mestre J parecesse o tipo de homem que poderia ter inventado o conceito de prazer.

— De que tem medo? — perguntou.

De mim.

Ela afastou o olhar do dele.

— Não é a minha onda, mais nada.

Aquela sobranceira desagradada voltou a erguer-se. O olhar dele estava carregado com uma exigência impaciente.

— Senhor — acrescentou Morgan, quase contra a sua vontade.

A expressão dele suavizou-se.

— Nos poucos minutos que aqui estive sentado, a sua pele corou, a pulsação visível no seu pescoço acelerou e os seus mamilos endureceram. Conheço o cheiro da excitação. Consigo senti-lo em si. Vou perguntar-lhe outra vez: de que tem medo?

O choque foi como um murro no estômago. *Oh, céus...* Tinha sido tão fácil de ler como um livro aberto. Mais fácil, até. Morgan fechou os olhos e inspirou uma vez. Depois outra. A sua mente corria a toda a velocidade.

— Não pense demasiado — avisou ele. — Mentir pede castigo.

— Castigo? Não tem o direito! — ripostou, num sussurro acalorado.

Ele fitou-a por um momento.

— Ontem, *online*, disse-lhe que um relacionamento deste tipo exige

muita confiança. Eu confiei que era quem dizia ser. Para ganhar um pouco da sua confiança, permiti ao seu assistente de produção acesso a algumas informações minhas, bastante pessoais. É verdade. Não precisa de ficar surpreendida. Soube assim que começou a fazer chamadas a meu respeito. Se não tivesse avisado de antemão os meus clubes de que lhe podiam dar informações, ninguém teria dito sequer bom-dia ao Reggie, quanto mais confirmar os pormenores da minha vida sexual.

Ele mexeu-se na cadeira, tocando mais uma vez com a sua coxa na dela, depois ergueu-lhe o queixo com o dedo. Morgan derreteu-se — uma combinação de choque e excitação, coberta com o delicioso arrepio do esmagador *sex-appeal* de Mestre J.

— Confiança — murmurou ele. — Eu deposei alguma em si. Se vamos trabalhar juntos, precisa de ter alguma em mim. Não a vou violentar, forçar ou qualquer outro cenário melodramático que esteja a passar pela sua cabeça. Se a vou ajudar a compreender a psicologia por detrás do Domínio e submissão, tem de ter confiança suficiente para ser honesta comigo. E consigo. Compreende o que estou a dizer?

— S... sim, senhor.

— Excelente. Agora, pela última vez, o que teme na ideia de se submeter?

Uma questão armadilhada, uma questão a que não queria responder. Rejeição. Voltar a ser ridicularizada. Vergonha. Medo da dor e da degradação. Um medo ainda mais forte de gostar de ser dominada por alguém como ele e incapaz de lidar com a vergonha e a culpa.

Não podia admitir aquilo... nada daquilo. Mais valia entregar-lhe a alma numa bandeja de prata.

— Por favor — sussurrou ela. — Por favor...

O maxilar de Mestre J ficou tenso, os seus olhos estreitaram-se. Por uma qualquer razão louca, Morgan odiava dececioná-lo. Não lhe devia nada, raios. Nada de nada. Ele era um entrevistado e seria compensado pelo seu tempo e pelas suas informações. Ponto.

Combatendo os impulsos contraditórios de resistir até que o inferno gelasse e ceder, Morgan demorou alguns instantes a perceber que o empregado tinha regressado para voltar a encher o café de Mestre J. Depois o jovem olhou para ela com uma espécie de sorriso confuso.

— Um tipo pagou-me vinte dólares para lhe dar isto.

Entregou-lhe um envelope retangular — com uma caligrafia muito familiar.

O empregado afastou-se.

O coração dela começou a bater com força. Mais rápida do que a velocidade da luz, abriu o envelope e descobriu no seu interior uma mão-cheia

de pétalas de rosa, de centros suaves e orlas mortas. Estas deslizaram por entre os seus dedos e ela arquejou, sentindo o sangue a fugir-lhe do rosto.

— Não... — Olhou à sua volta, para a praça ensolarada, em pânico. — Não!

— Morgan? — perguntou Mestre J, a voz marcada pela preocupação. Ela fitou-o com os olhos enlouquecidos.

— Ele está aqui. *Aqui*. Ele seguiu-me. Oh, céus... tenho de ir. — Ela inspirou assustada e cerrou os punhos trémulos. — Esconda-se. Agora!

Mestre J agarrou nela pelos ombros.

— Quem está aqui e para onde pensa que vai?

Agitando os ombros para se libertar do toque dele, Morgan olhou à sua volta, frenética, em busca de um qualquer rosto que pudesse parecer perigoso ou familiar. Quase todas as restantes cadeiras da praça estavam vazias, bem como as janelas e varandas próximas. As montras das lojas, envoltas em sombras, revelavam a presença de várias pessoas, mas pareciam todas locais. Os outros clientes do pequeno café quase não reparavam nela ou estavam ainda menos preocupados. Como de todas as outras vezes em que o seu assediador se tinha aproximado, fora tão silencioso como o fumo, tão invisível como o ar. O pânico devorava-lhe as entranhas.

— Não posso ficar. Lamento...

Mestre J voltou a agarrar nela, parecendo determinado a arrancar-lhe as respostas. Contudo, estacou, o seu olhar fixo em algo do outro lado da rua.

Morgan sentiu a energia explodir através do corpo dele, um segundo antes de a empurrar para o chão.

— Baixe-se!

Ele empurrou-a para debaixo da mesa e cobriu o corpo dela com o seu, um instante antes de um tiro irromper sobre a sua cabeça.

Capítulo Dois

Jack Cole enroscou o seu corpo, protetoramente, sobre a pequena forma feminina de Morgan e usou a pequena mesa de ferro para a proteger, quando um novo tiro ecoou no ar. As pessoas à sua volta gritavam e corriam atabalhoadamente para longe da confusão. Jack praguejou, enquanto ela tremia violentamente sob ele.

Maldição! A sua vingança estava *tão* perto e agora aquilo? Não podia comer a mulher do seu inimigo até ela gritar o *seu* nome, se esta estivesse morta.

A raiva correu através dele, mas o facto de alguém estar a tentar impedir a sua vingança não era a única razão. Não, estava verdadeiramente furioso por um idiota qualquer ter enchido uma mulher tão pequena, mas vibrante, de um terror absoluto.

Era verdade que tinha atraído Morgan até ali para a usar, mas não para a magoar fisicamente. Pelo contrário. Queria descobrir o que mexia com ela e realizar cada uma das suas fantasias, até o seu corpo vibrar de satisfação.

Até ela já não sentir qualquer interesse por Brandon Ross e abandonar o filho da mãe.

Contudo, o idiota que, presentemente, se encontrava do outro lado da arma tinha outras ideias, como meter-lhe uma bala entre os olhos.

Morgan foi agitada por mais um estremecimento. Engoliu um grito. Jack abraçou-a com mais força, empurrando o seu corpo contra a mesa de ferro. Salvá-la era uma questão de instinto. Um vício profissional. Uma necessidade. Brandon Ross tinha suscitado a sua vingança três anos antes e Jack planeara humilhá-lo em grande. Não ia deixar Morgan morrer.

— Eu tiro-a daqui em segurança — prometeu, sussurrando-lhe ao ouvido.

O seu estômago às voltas exigia que sacasse da .38 e ripostasse. No entanto, estavam demasiadas pessoas nas redondezas para poder correr esse risco. E tinha a sensação que assustaria Morgan de morte.

Ela já estava aterrorizada, raios. O seu trabalho era sorrir para as câmaras, não fugir das balas.

Quando o empregado deixara a carta na mesa e Jack vira o doce rubor desaparecer do rosto dela, deixando para trás um choque branco como a cinza, enquanto as pétalas de rosa meio mortas deslizavam para as suas mãos, sentira o cheiro do medo dela. Depois de se ter apercebido do cintilar do metal de uma arma, sob a luz do Sol, num telhado do outro lado da rua... Jack não tivera qualquer dúvida do que ia acontecer a seguir.

Odiava estar certo em relação a merdas como aquela.

Olhando de relance para a cadeira que Morgan ocupara há instantes, viu as marcas descoloridas deixadas pelas balas inclementes. Voltou a praguejar.

Por baixo dele, Morgan tentava sentar-se. Jack manteve-a imóvel.

— Mantenha-se baixa!

— Preciso de ir. De fugir. De me... esconder.

Um rápido olhar de relance por cima da mesa, para o telhado do outro lado da rua, revelou que o atirador acabara de fugir. Isso, ou estava a aproximar-se para disparar mais de perto no meio da confusão. Tal significava que eram alvos fáceis e que tinha de afastar Morgan daquela zona aberta, rapidamente.

— *Eu* vou pô-la em segurança — enfatizou Jack, puxando Morgan para que esta se levantasse. — Está ferida?

Ela empurrou o chapéu para trás, sobre a cabeça, e apertou o lenço sob ele, que lhe cobria o cabelo.

— Não.

— Então corramos!

Jack agarrou a mão pequena e fria dela. Engoliu-a. Raios, ela era minúscula, muito mais pequena do que um nome poderoso como Morgan indicava.

Correndo tão depressa quanto as suas pernas lhe permitiam, Jack puxou Morgan atrás de si, escondendo-se atrás das mesas viradas, quando os tiros recomeçaram. Arrastou-a para trás da cobertura oferecida pelo balcão do café, depois puxou-a em redor da esquina do edifício, incitando-a silenciosamente a acompanhá-lo. Ela assim fez, apertando o chapéu contra a cabeça com a mão livre. Jack olhou para lá de Morgan com o sobrolho franzido. Era impossível perceber se o atirador os seguia por entre a multidão, mas presumiu que sim. Mais valia prevenir que morrer.

— Para onde vamos?

Jack não respondeu; estava demasiado ocupado a improvisar um plano na sua cabeça. Em silêncio, puxou-a através de ruas, ao longo de vielas. Soaram mais tiros. Uma bala silvou junto ao seu ouvido e ele praguejou. Se aquele filho da mãe magoasse um cabelo que fosse da cabeça de Morgan, Jack ia gostar de o espancar até à inconsciência com as mãos nuas.

Enfiando-se numa loja apinhada, evitaram por pouco o choque contra uma idosa. Afastarem-se para que a avozinha de sobrolho franzido e o seu andarilho pudessem passar, custou-lhes segundos preciosos.

Mal o caminho ficou livre, ele voltou a tomar a pequena mão de Morgan na sua e puxou, forçando-a a correr uma vez mais. Saíram pelas traseiras da loja, percorreram uma viela estreita, penetrando num beco escuro. Graças a Deus, conhecia aquela cidade como a palma da mão.

Ouviu-se mais uma série de tiros em *staccato*, desta feita oriundos da frente da loja de onde tinham acabado de sair.

Merda!

— Corra mais depressa, *chère!*

Arquejando, suando, ela limitou-se a acenar. E a acelerar.

Na extremidade oposta do beco, depararam-se com uma porta metálica com a tinta preta riscada e letras vermelhas onde se podia ler *Sexy Sirens*. Mesmo fechada, a porta vibrava com a música roufenha e a multidão turbulenta no interior — apesar de serem pouco mais de três da tarde.

Pela sua experiência, Jack diria que a porta estaria fechada. Erguendo um punho, martelou contra ela com toda a sua força, sem se importar se a amolgava. Enquanto esperava, ia olhando por cima de ambos os ombros, para ver se estavam a ser seguidos.

Ouviu-se o estrondo de um tiro, levantando pedaços de tijolo a menos de quinze centímetros de Morgan.

Fitando rapidamente o beco, Jack praguejou. Estava repleto de caixotes do lixo e trepadeiras demasiado crescidas que ofereciam demasiados locais para o atirador se esconder.

— Filho da mãe! — Voltou a martelar na superfície de metal gasto. — Alguém que abra a porcaria da porta.

Por fim, uma loura oxigenada familiar abriu a porta com um puxão.

— Credo, Jack. Que diabo se passa?

Jack empurrou Morgan para o interior, depois seguiu-a para a sala escura repleta de latas de cerveja vazias.

— Está um atirador lá fora. Preciso da tua ajuda.

Junto à entrada do palco, estavam pousados um cavalinho de pau e um chicote de equitação. Ao que parecia, Angélique tinha terminado a sua atuação há instantes.

Jack bateu com a porta atrás de si e voltou a percorrer com os olhos a

sala escura, iluminada por uma única lâmpada vermelha e decorada com tinta preta a pelar. Uma porta fina separava aquela zona do palco principal e da música palpitante do clube para além dele.

— Um atirador? Santa... Quem é que irritaste?

— Alyssa, esta é a Morgan — gritou ele por cima da música. — É a apresentadora de um programa de televisão...

— É a Morgan O'Malley! Adoro o *Turn Me On!*

Morgan, que tirara os óculos de sol, estendeu uma mão a Alyssa. Hmm. Olhos azuis debruados a vermelho, algumas sardas, pele muito clara — não fazia bem o género de Brandon. Mas os tempos mudavam, supôs ele.

— Então presumo que me queiras ajudar a mantê-la viva o suficiente para fazer mais alguns programas — disse Jack, com a voz arrastada. — O atirador estava a fazer pontaria a ela. — Jack virou-se para a outra mulher. — Morgan, esta é Alyssa Devereaux, dona do Sexy Sirens. O mais famoso, ou infame, clube erótico do sul do Luisiana, dependendo do ponto de vista.

A pequena mulher de Brandon mostrou um ténue sorriso, dando o seu melhor para não olhar fixamente para a espessa maquilhagem de Alyssa, a saia quase indecente e as botas que gritavam “come-me”. Não havia nada de subtil em relação a Alyssa. Continuava a vestir-se como uma *stripper* embora já não dançasse em redor de um varão há anos. Chupava uma pila como se estivesse a tentar engolir a maçaneta de uma porta. Tinha uma linguagem pior do que a dele. Mas também tinha um grande, grande coração.

Alyssa usaria a sua língua malvada para arrancar a pele dos tomates de Jack, se desconfiasse que Morgan não era uma cliente mas uma forma de alcançar a sua vingança. Podia gerir um estabelecimento onde as mulheres se despiam em frente a homens excitados, mas garantia que *ninguém* ultrapassava os limites com qualquer rapariga debaixo do seu teto. Jack planeava ultrapassar todos os limites em que conseguia pensar.

— Porque haveria alguém de disparar contra si? — perguntou Alyssa a Morgan, franzindo o sobrolho.

— Essa é uma excelente pergunta — respondeu Jack, trespassando Morgan com um olhar implacável, com que esperava, francamente, persuadi-la a revelar a verdade.

Jack ainda não tivera a oportunidade de estabelecer mais do que um mínimo de autoridade. Ela tinha poucos motivos para confiar nele. Raios, mais algumas horas e teria passado algum tempo na sua cama, nas profundezas do seu corpo, estabelecendo o seu domínio. Teria conseguido algumas garantias de que ela aceitaria a sua ajuda. Tal como estavam as coisas... não tinha nada.

Não fora assim que planeava a sua vingança.

— Jack? — disse ela, experimentando o seu nome, a voz errática, ainda a tremer.

Ele não ficou contente por ouvir o toque de medo e desconfiança na sua voz. Preferia o sensual “senhor” que saía daquela boca macia, enquanto ela fingia indiferença.

No entanto, voltariam a isso, mal chegasse ao fundo daquela merda.

— Morgan, que raio se está a passar, *chère*?

A pele dela ainda tinha a cor de um cadáver, para mais envolta no casaco escuro e no chapéu de abas largas, demasiado grandes para o seu corpo pequeno. Ela estava completamente aterrorizada, ainda assim conseguiu acenar. Jack suspirou de alívio.

— Há... há cerca de três meses, comecei a receber cartas. Fotografias minhas em diferentes locais, na sua maioria públicos. Esquisito mas não ameaçador. Há cerca de cinco semanas, comecei a receber fotografias minhas dentro e perto da minha casa, tiradas através das janelas. Uma... uma foi tirada enquanto eu recuava ao longo do acesso, a partir do interior da garagem. Já percebi que ele está zangado. Mas não sei porquê.

» Vim para Houston para ficar com um... amigo e para fugir dele. — Ela suspirou e prosseguiu. — Ele seguiu-me. Só o soube ontem quando recebi isto.

Morgan abriu o gabão apenas o suficiente para retirar da mala enorme que lhe cruzava o peito um envelope dobrado ao meio. Entregou-o a Jack com a mão trémula.

Com a tensão a apertar-lhe o estômago, Jack rasgou-o. Do seu interior jorraram fotografias. Morgan no aeroporto, envergando umas calças de ganga de cintura descaída, uma t-shirt larga e o cabelo enfiado num boné de basebol. Só a reconheceu graças ao perfil, o queixo teimoso, as sardas que lhe cobriam o nariz e o faziam perguntar-se até onde se estenderiam ao longo do seu corpo. Suscitavam nele uma vontade insana de brincar a unir os pontos.

Na fotografia seguinte, ela estava a ler uma revista numa cadeira de jardim. A revista cobria-lhe o rosto. Tudo o que ele via eram as suas mãos, a capa da *People*, um vislumbre das delicadas sardas nos braços dela — e os doces seios soltos, quase visíveis através do top de alças branco, com mamilos hirtos e rosados que lhe faziam crescer água na boca.

Desde que ouvira rumores de que ela era a noiva do seu antigo amigo Brandon, ficara intrigado. Falar com ela *online* servira apenas para aumentar o seu interesse. Morgan naquelas fotografias, em carne e osso, estimulava-lhe o pênis. Mal podia esperar por a ter atada à sua cama a suplicar que a deixasse vir-se — concedendo-lhe a sua vingança.

No entanto havia nela algo mais... algo que lhe parecia familiar. Sen-

tia-se como se a devesse conhecer, como se já a tivesse visto e não apenas nas fotografias na página do programa de televisão. Ter-se-ia cruzado com ela? Não, lembrar-se-ia de uma mulher como Morgan. Ainda assim, havia algo nela. Haveria de descobrir.

Engolindo um nó de crescente luxúria, Jack passou para a última fotografia e estacou. O sempre elegante Brandon Ross num fato de marca. Tinha as costas viradas para a câmara, inclinando-se para beijar Morgan. Jack só conseguia ver as suas pernas meio nuas, cobertas por um pouco de seda verde e renda preta, e os braços levemente sardentos com que envolvia o pescoço de Brandon. A imagem deu-lhe a volta ao estômago.

E os gatafunhos apressados do bilhete no fundo do envelope, com o seu tom ominoso e possessivo, não ajudavam nada a aliviar a sua tensão.

A última fotografia, a futura esposa a despedir-se do seu homem antes de este partir para um dia no escritório, também confirmava que Morgan O'Malley era a mulher de Brandon Ross. Ela era a forma de pagar ao seu velho amigo a facada nas costas. Para isso tinha de tirar Morgan dali, viva e sem ser detetada.

— Então o seu assediador seguiu-a desde L.A.? — perguntou.

— Sim. — A voz dela ainda estava chocada.

Jack suspirou.

— Dedicado e doente. Não é uma boa combinação. É, sem dúvida, suficientemente esperto para ser capaz de tirar fotografias suas, sem que se aperceba ou conheça a sua identidade. Sabe mexer numa arma. Não creio que, sozinha, consiga sair daqui incólume, Morgan. Precisa de ajuda. Posso dar-lha.

Ela hesitou, depois falou num tom de voz surpreendentemente esfumado.

— Consegui tirar-me do caminho de balas que me teriam matado. Não lhe posso pedir que arrisque...

— Não pediu; estou a oferecer-me. — Era óbvio que o sacana sabia o caminho para casa de Brandon e Morgan não parecia o tipo de rapariga com treino em armas e combate corpo a corpo. Cabia-lhe a ele mantê-la viva. — Morgan, sou um guarda-costas. Não vou vê-la morrer, quando posso tirá-la daqui inteira.

— Quanto?

Credo, alguém andava a disparar contra ela e ela queria negociar?

— É por conta da casa.

A surpresa fê-la abrir a boca.

— Porquê?

Ele dirigiu-lhe um encolher de ombros frio.

— Se morrer, lá se vão os meus quinze minutos de fama.

Morgan ergueu para ele os olhos azuis debruados a vermelho e lançou-lhe um olhar cínico.

— A sério. É óbvio que você não é uma pessoa desesperada por se tornar famosa.

Então ela tinha a sensatez de não cair naquela mentira. Ainda assim, Jack queria que ela olhasse para ele com aqueles inocentes olhos azuis enquanto a forçava a aceitar a lógica. Não podia ser sã e negar que precisava de ajuda. Contudo, ele compreendia porque é que ela o tentaria fazer.

Ele era praticamente um estranho — mas esse não era o único motivo da sua hesitação. Apostava nisso todos os cêntimos que tinha no bolso. No curto período de tempo em que tinham estado cara a cara, antes da chegada do atirador, compreendera que Morgan tinha algum interesse nele. E que se sentia curiosa em relação às suas inclinações sexuais. Mais curiosa do que alguém que se limita a investigar um tema para um programa de televisão. A sua excitação relutante atraía-o como nada o atraía nos últimos anos.

— Isso não altera o facto de que precisa de mim. O atirador sabe que está neste edifício. Não se pode limitar a sair. Consigo tirá-la daqui.

Morgan cerrou o maxilar. Jack viu-a lutar contra o impulso de lhe lançar uma recusa. Não o fez, provando, mais uma vez, que era esperta.

— Como?

— Vai-se vestir como a Alyssa. Ela arranjar-lhe-á as roupas adequadamente impróprias.

— Também vai precisar de ajuda com a maquilhagem — realçou Alyssa. — Não tenho sardas, Jack.

Um rápido olhar de relance para Morgan provou que ela precisava de mais do que um toque de cosmética no rosto pálido.

— Sim, está bem. Trata disso.

— Não. Este plano não vai funcionar — protestou Morgan.

— Tem uma ideia melhor, uma ideia que não acabe consigo dentro de uma caixa de pinho?

Esperando que ela processasse a verdade que ele não se podia dar ao luxo de suavizar, Jack observou Morgan. Ao perto, podia ver as suas feições bem proporcionadas, a boca cheia, a pele quase sem poros cuja palidez era demasiada para ter sido causada por outra coisa para além do medo. As sobrancelhas arqueadas tinham uma cor indescritível sob a luz fraca. Sem a tez do Drácula, o chapéu e o lenço manhosos ou o casaco três vezes o seu tamanho, desconfiava que seria linda. O filho do senador Ross não se contentaria com menos.

Ela suspirou.

— Não tenho mais ideias.

— É o que estou a dizer. Alyssa, leva a Morgan lá acima e veste-lhe qualquer coisa reduzida. Tens mais dessas perucas?

— Sim — disse a loura oxigenada, acenando.

Morgan arregalou os olhos.

— Ainda assim não vai funcionar.

— Porque...?

— Alyssa e eu não somos do mesmo... tamanho.

Jack olhou para as duas.

— Ela é mais alta. Mas pode usar as suas botas de salto agulha para aumentar um pouco a altura. Que tamanho calça?

Ela pareceu sobressaltada com a pergunta.

— Trinta e seis e meio.

Jack dirigiu a Alyssa um olhar inquisitivo.

— Nem pensar — disse a antiga *stripper*. — Eu calço o trinta e oito e meio.

— Contornamos a questão — disse Jack. — Enfiamos papel higiénico dentro das botas, ou algo assim. É temporário.

— Esse não é o maior problema. — O olhar de Morgan deslizou sobre os atributos cirurgicamente realçados de Alyssa que, naquela altura, lutavam por se manter confinados no interior da parte de cima de um fato de banho.

Jack deixou que o seu olhar deslizesse, mais uma vez, pela pequena forma de Morgan. Não conseguia ver muito do que se escondia por baixo do casaco, mas as fotografias que vira diziam-lhe que o que ali se encontrava era cem por cento natural e não se comparava às copas D de Alyssa.

— A Alyssa tem jeito para escolher roupas que fazem com que qualquer mulher pareça suficientemente desavergonhada para figurar no poster central.

— Depois o que fazemos? — Morgan remexia-se nervosa, o olhar saltando para a porta, como se esperasse que o seu admirador indesejado a atravessasse a qualquer instante.

— Precisaremos de iludir este sacana e colocá-la em segurança.

— E depois?

— Pensaremos nisso depois de termos saído daqui, está bem? Levá-la-ei para um local seguro até que se consiga resolver esta confusão.

Morgan mordeu um dos lábios carnudos, os olhos ansiosos e desconfiados. Queria concordar mas não confiava nele plenamente. Jack conseguia vê-lo no seu rosto. Ela hesitava, fixando os seus olhos nos dele, como se o tentasse avaliar. Jack perguntou-se quanto saberia Morgan do seu passado, se é que sabia alguma coisa. Teria Brandon falado dele?

— Este filho da mãe tem sido obstinado até agora, é certo, mas ele nun-

ca teve de lidar comigo. Não vou deixar que ele chegue sequer a cem metros de si, Morgan.

Ela hesitou ainda mais um instante, depois dirigiu-lhe um aceno trêmulo.

— Você é que é o profissional. Lidaremos com o que fazer a seguir, quando estivermos longe daqui.

O que se seguia era ela nua, algemada e completamente aberta ao prazer que ele estava impaciente por lhe dar. Reprimindo um sorriso, fixou o olhar no seu lábio inferior inchado. Havia algo nela, mesmo naqueles trajes horríveis, que despertava a atenção do homem dentro dele. Ou seria o conhecimento de que ela pertencia a Brandon?

Não, era mais. Por baixo daquele feio chapéu, do lenço e do casaco, conseguia perceber que Morgan era uma mulher muitíssimo bela — algo inocente e fresca, mas também sensual, atrevida, expressiva. Corrompê-la seria delicioso. O desejo que sentia aumentou mais um pouco.

Quem diria que a vingança podia ser tão satisfatória em todos os sentidos?

Rodeada por uma música que pulsava tão alto que as paredes tremiam, Morgan subiu as estreitas escadas do clube, seguindo Alyssa, a loura que, aparentemente, era dona do Sexy Sirens. Morgan não fazia ideia como é que alguém com uma visão decente a confundiria com uma *stripper*, por muita maquiagem que lhe pusessem em cima. Alyssa tinha uma sexualidade inata que quase todas as mulheres desejavam... e tão poucas possuíam.

Ainda assim, Morgan sabia que tinha de tentar, tinha de representar o melhor que pudesse até conseguir escapar de Lafayette e do psicopata que a perseguia. A única alternativa era a morte.

Gostasse ou não, isso fazia com que Mestre J — cujo nome verdadeiro era, ao que parecia, Jack e que era pouco mais que um estranho — fosse a sua única esperança de salvação.

Com alguns olhares de relance e ainda menos palavras, Jack deixara bem claro que não era um santo. Mesmo naquele momento, podia sentir o olhar dele fixo nas suas costas. Contra a sua vontade, espreitou por cima do ombro. Jack fitava-a com um olhar intenso, os olhos parecendo quase pretos, enquanto a via a subir as escadas. Um sorriso especulativo enrugava as feições cinzeladas do seu rosto de maxilar forte.

Ela não sabia absolutamente nada sobre aquele homem, a não ser que ele tinha o tipo de aspeto que fazia com que as mulheres olhassem duas vezes e se babassem. Oh, e que gostava de ser dominante na cama. Isso era

difícil de esquecer. Contudo, o sorriso dele deixava-a nervosa. Porque haveria alguém de parecer feliz no rescaldo de um tiroteio tão próximo?

Por fim, ela e Alyssa chegaram ao cimo das escadas. A loura conduziu-a através da porta no fundo do corredor, para um quarto pequeno mas surpreendentemente luxuoso.

Alyssa fechou a porta atrás delas, bloqueando o pulsar mais sonoro da música. O chão por baixo delas continuava a abanar. O ritmo sensual ressoava à sua volta, carregado de sugestões.

Morgan olhou em redor do quarto. Uma cama grande e desmanhada preguiçava no centro, enquanto um candeeiro de pé, em ferro fundido, despejava uma luz dourada sobre os lençóis brancos. O chão de madeira brilhava rosado sob os seus pés. As paredes de um bege suave acentuavam as cortinas brancas e esvoaçantes que cobriam a grande janela. Quatro fotografias de paisagens a preto e branco formavam um conjunto por cima da cama.

— Estava à espera de um quarto vermelho com um varão ao centro? — perguntou Alyssa com uma sobranceira erguida.

O embaraço apoderou-se de Morgan. Ela tinha-se perguntado...

— Não fazia ideia do que esperar. É encantador.

Parte da acidez abandonou Alyssa.

— Venha, vamos tirá-la desse trapo horrível.

Antes que pudesse pedir privacidade e um roupão, Alyssa já estava a desabotoar o casaco de Morgan e a puxá-lo dos seus ombros.

Com o gesto descontraído, lançou o casaco a voar para a cama. Como a mãe de uma criança pequena, Alyssa levou a mão à mala de Morgan e à deprimente t-shirt de padrão floral. Antes que conseguisse vocalizar o seu protesto, a *stripper* já as tinha tirado por cima da sua cabeça e já as tinha atirado ao chão.

— Se me indicar onde é a casa de banho, posso despir...

Alyssa ignorou-a e abriu o fecho frontal do soutien de renda branca. Com um arrastar e um puxão, desapareceu... e Morgan ficou nua, da cintura para cima, à frente de uma completa estranha.

Alyssa estudou os seios de Morgan, erguendo um nas mãos para testar o seu peso.

— Podemos trabalhar com isto.

Morgan ficou tensa, resistindo ao impulso de se tapar como uma estudante do liceu constrangida no balneário.

— O que está a fazer?

— Não tem nada que ainda não tenha visto, querida. 34C. — Com mais um olhar de relance para o resto do corpo de Morgan, Alyssa acrescentou: — Usa o 38. Certo?

— Como é que sabia?

Alyssa sorriu.

— Faz parte do meu trabalho. Dispa tudo o resto e espere aqui.

Alyssa desapareceu pela porta, fechando-a suavemente atrás de si. Morgan ficou a olhar enquanto ela saía. Despir tudo o resto? Como se isso fosse fácil. Como se tirasse as roupas todos os dias, à frente de pessoas que não conhecia de lado nenhum. Bem, provavelmente Alyssa fazia-o, pelo que não a devia incomodar nada. Além disso, Morgan concluíra que, se queria sair dali sem levar um tiro na cabeça, era melhor que ultrapassasse rapidamente a sua modéstia.

Com um suspiro, tirou as calças de ganga e as cuecas de algodão brancas, dobrando-as cuidadosamente e pousando-as na beira da cama. Olhou à sua volta em busca de um robe ou de um cobertor. Uma toalha — qualquer coisa com que se tapar. Nada. Morgan não estava habituada a andar de um lado para o outro sem nada vestido. Era óbvio que isso não perturbava Alyssa.

A loura regressou com um soutien de renda preta e uma tanga a condizer. Com os dentes, arrancou as etiquetas, enfiou um par de próteses de gel no soutien e entregou tudo a Morgan.

Antes que Morgan pudesse pedir alguma privacidade, Alyssa voltou a desaparecer, desta feita para a casa de banho contígua. Agradecida pela pausa no olhar atento da mulher, Morgan enfiou-se na tanga. Não eram nada confortáveis — quem é que queria andar com um fio enfiado no rabo? — mas serviam na perfeição.

Alyssa emergiu da casa de banho, trazendo consigo umas roupas muito pequenas e umas botas pretas de salto alto. Junto à porta, a loura parou, à espera. Morgan fingiu não reparar nela. Em vez disso, franziu o sobrolho às próteses de gel dentro do soutien. A versão adulta de lenços de papel amassados?

Quando Morgan estremeceu, Alyssa riu.

— Faz-se o que é preciso. São como uma operação instantânea. Com as roupas vestidas, ninguém perceberá a diferença.

Libertando a respiração que estivera a suster, Morgan compreendeu que era provável que isso fosse verdade. Não tinha nada que lamentar o facto de não ser uma copa D.

Morgan começou a vestir o soutien, fortemente consciente de que Alyssa observava todos os seus movimentos. Era terrivelmente desconfortável. Estava capaz de matar por ter a atitude relaxada de Alyssa em relação à nudez, mas não tinha sido criada assim. Já tinha quase vinte e um anos quando conseguira reunir a coragem para se masturbar. Afinal de contas, com uma mãe cristã renascida que a tinha enviado para escolas só de rapa-

rigas, quase não tinha ouvido falar de sexo antes dos dezoito anos. Até ter ido para a faculdade, Morgan não sabia a diferença entre as suas cutículas e o seu clítoris.

Afastando o pensamento, Morgan apertou o soutien e ergueu os seios para as copas — o pouco que havia deles. O soutien ficou pendurado pelas alças finas. A tira de renda preta mal cobria cada um dos mamilos. As próteses de gel empurravam para cima os seios e exibiam-nos. Um decote instantâneo.

Alyssa assobiou e dirigiu-lhe um olhar atrevido.

— Vou dar-lhe um conselho. Não mostre as mamas ao Jack a menos que o queira deixar louco de desejo.

A loura virou-lhe as costas, voltando a entrar na casa de banho. Morgan fixou o olhar nas costas esguias da mulher e nas madeixas louras e sedosas que se agarravam aos seus ombros.

As modelos dos posters centrais das revistas eram menos atraentes do que Alyssa. Embora provavelmente já tivesse mais de trinta anos, ainda era muito impressionante. Morgan sabia com toda a certeza, tendo em conta a extensa investigação de Reggie, que Jack não era *gay*. Tendo em conta esses factos, parecia lógico que ele e Alyssa estivessem... envolvidos. Tendo em conta o comentário espontâneo da mulher, parecia que Alyssa não se importava que ela aliciasse Jack.

Céus, tinha deixado Los Angeles, onde sempre achara a vida algo surreal, e acabara em território cajun, um local que começava a desconfiar ser a versão sulista de Oz.

— Não planeio mostrar os meus seios ao Jack — disse, ajustando o soutien, desejando poder tapar-se mais.

— Talvez não, mas aposto dez dólares em como ele planeia vê-los.

Morgan franziu o sobrolho.

— Baseada em quê? Estava a entrevistar o Jack para o meu programa. E depois, quando começaram os tiros, ele ofereceu-se para me proteger...

— E protegerá. Ele é o melhor. Mas Jack Cole é um homem de seios e você tem uma excelente prateleira.

Como se tivesse acabado de anunciar algo tão mundano como o cair da noite, Alyssa virou-se e tirou um estojo de maquilhagem de cima da cómoda. Pousando-a, estudou o rosto de Morgan com pouco mais do que uma leve impaciência.

— Isso não a incomoda? — Morgan não conseguiu resistir a perguntar.

O seu olhar deslizou para a cama, demasiado revolvida para ter sido provocado apenas por alguém a dormir. Morgan perguntou-se se Jack teria ali estado antes de se ter ido encontrar com ela — e porque é que esse pensamento a incomodava.

— Que o Jack a possa comer? — Alyssa encolheu os ombros. — Ele não me pertence.

Morgan franziu o sobrolho. *Demasiado estranho.*

— Não vai acontecer nada entre nós. Não tenho qualquer intenção de me envolver com Jack.

— A estrada para o inferno está repleta de boas intenções — ripostou Alyssa com uma gargalhada rouca.

Antes que Morgan pudesse afastar a confusão e responder, a loura voltou a mudar de assunto.

— Vamos tratar da maquilhagem.

Alyssa ergueu uma mão esguia e tirou o chapéu de palha e o lenço da cabeça de Morgan.

Um momento mais tarde, deu início a um frenesim cosmético. Uma base espessa cobriu o rosto de Morgan. Seguiu-se o corretor e Morgan esperou que cobrisse a maior parte dos danos provocados pela falta de sono. Depois, foi a vez do *blush* rosado e do bâton vermelho aplicado, espesso, com um pincel. Um *eyeliner* escuro e a sombra, aplicada com movimentos rápidos. Seguiu-se o rímel preto, erguendo e separando as pestanas. Um lápis para sobrancelhas e um rímel castanho esconderam o facto de as suas sobrancelhas não serem do mesmo castanho-claro que as da outra mulher.

Quando Alyssa se afastou e a conduziu até à casa de banho, parando em frente ao espelho, Morgan só reconheceu os seus olhos azuis e o formato oval básico do rosto.

— Ficou ótima. Raios, a maior parte dos clientes devem estar demasiado bêbedos para repararem se sou ou não eu. Contudo, caso não estejam, as roupas que escolhi vão garantir que nenhum homem ergue os olhos acima das suas mamas.

Morgan quis protestar — as palavras chegaram à ponta da sua língua. Segurou-as. Se vestir-se como uma *stripper* a mantivesse viva, bem... podia sobreviver à vergonha muito melhor do que a um tiro na cabeça.

— O que for preciso. — Morgan suspirou.

— Vamos prender este cabelo e colocar a peruca.

— Eu consigo. — Morgan levou os dedos à cabeça e esfregou.

— As perucas podem ser terríveis. Lamento que tenha de usar uma, mas para se fazer passar por mim, terá de ser loura.

Morgan encolheu os ombros. O desconforto era um pequeno preço a pagar pela sua segurança.

— E assegure-se de que está bem presa. O Jack vai querer inspecioná-la antes de sair. Não a deixará pôr um pé lá fora enquanto não estiver convencido de que pode passar no teste. Ele leva a proteção dos seus clientes muito a sério.

A ideia de Jack a inspecionar deu-lhe a volta ao estômago. Jack era lindo e o facto de ser um homem dominante deixava Morgan ainda mais intrigada, apesar da sua desconfiança e do seu medo.

Segurando a longa peruca loura no sítio, Morgan empurrou-a completamente. Estava apenas cansada. Deus sabia como estava tensa. Não ia ter relações com Jack, por isso as suas preferências sexuais não faziam a mínima diferença.

Alguém bateu à porta. Morgan fixou nela o olhar, o coração acelerado. Teria o atirador conseguido segui-la até ali? Desviou o olhar para a janela, esperando que esta se pudesse revelar uma saída.

Depois a porta abriu-se. Jack entrou, usando uma t-shirt maltrapilha e umas calças de ganga desbotadas, um boné de basebol virado ao contrário e um bigode falso. Aquelas pequenas alterações exteriores faziam com que parecesse consideravelmente diferente. Ainda assim, era impossível não reparar na sua expressão irritada.

— Raios, o que é que vocês as duas estão a fazer aqui, uma festa de pijama?

— Morde aqui, Jack. Trabalhei tão depressa quanto possível, até porque tenho de voltar ao trabalho — disse Alyssa com um sorriso, depois beijou-o no rosto. — E boa sorte para si — atirou a Morgan.

Em seguida saiu, deixando Morgan sozinha com Jack.

O olhar dele percorreu o quarto e prendeu-se nela. Os olhos negros queimavam-na e um sorriso, lento e pecaminoso, abriu-se-lhe no rosto. Aquele olhar provocou-lhe um aperto no estômago. Compreendendo rapidamente que não tinha vestido nada mais que um soutien e uma tanga reveladores, olhou de relance à sua volta em busca de algo — qualquer coisa — para se cobrir.

Atravessou velozmente o quarto e agarrou no lençol de cetim branco que cobria a cama. Jack arrancou-lho das mãos.

— Não temos tempo para modéstias, *chère*— sussurrou-lhe ao ouvido, a voz carregada com uma musicalidade que era, sem dúvida, francesa cajun.

O corpo dele fustigava-lhe o traseiro, as pernas raspavam nas dela, o peito tocava ao de leve nos seus ombros. O calor que ele emitia aqueceu a pele que ela não se tinha apercebido que estava fria. Apesar do calor, os arrepios multiplicavam-se sob a sua pele e um estremecimento correu-lhe pela espinha. Os seus mamilos revelaram-se, de súbito, indesejados.

Ela engoliu em seco. Ele podia ser um dos bons, mas naquele momento a sua postura era a de um predador.

— Não preciso que esteja aqui enquanto me estou a vestir.

— *Mais oui*, é uma pena porque planeio supervisioná-la. Não vamos

sair daqui enquanto eu não estiver convencido de que se consegue fazer passar por Alyssa.

— Desde os três anos que me visto sozinha. Consigo fazer isto sem ajuda.

— É verdade, mas eu uso a Alyssa como apoio em alguns casos. Andamos de um lado para o outro, fingindo-nos bêbedos de furacões e sexo. As pessoas estão habituadas a ver-me tocar nela. Muitas vezes. Mas a Morgan... — Envolveu-a com um braço e pousou a mão aberta na sua barriga.

Morgan saltou e arquejou quando a mão grande dele lhe cobriu o ventre nu, o calor deslizando pela sua pele, insidioso, incontrolável.

— A Morgan — murmurou-lhe ele ao ouvido — salta quando lhe toco. Se o fizer em público, as pessoas saberão que não é a Alyssa.

Com cada palavra, Jack deixava-a mais consciente de que era um homem — todo ele um homem — e de que ela era uma mulher. Tinha o tipo de poder pessoal que a atraía. O estômago dela saltou quando ele falou. Os seus seios incharam. Ela sentia-se nervosa, inquieta, quando ele se aproximava tanto. Morgan engoliu a tensão, tão espessa que ela a julgou capaz de a sufocar, e tentou afastar-se dele.

Jack não se moveu — nem a largou.

— Deve haver outra forma de sairmos daqui sem ter de me apalpar — disse ela, com os dentes cerrados.

— Não apostava nisso. Se quiser sair daqui inteira, *chère*, sem que o seu assediador a reconheça através do disfarce, tem de agir da forma certa. Tem de fazer com que pareça verdadeiro.

A mão na barriga dela começou a subir lentamente.

O cérebro de Morgan zumbiu perante a ameaça nas palavras dele. Ele ia tocar-lhe em público, onde completos estranhos a podiam ver. De imediato, os seus seios voltaram a inchar. A humidade cresceu entre as suas pernas.

Isto é impossível. Ela não era dada a exibicionismos. E as tendências de homem das cavernas de Jack não a deviam excitar. Ter tais fantasias era uma coisa. Vivê-las... era completamente diferente. Era uma idiotice ceder, em especial com um estranho.

Jack interrompeu os pensamentos dela, apoiando os seus seios entre o polegar e dedos — e continuando a subir.

Até Morgan ter envolvido o pulso dele com a mão, parando-o.

— Não acredito em si. Não precisa de me tocar de forma assim tão íntima para me tirar daqui.

Ele parou o movimento ascendente da mão.

— Passou menos de uma hora comigo e, de súbito, já é uma especialista em segurança?

— Isto não é um jogo. É a minha vida!

— Exatamente — rosnou-lhe ele ao ouvido. — Os habitantes locais, não necessariamente os de maior confiança, estarão lá fora, ver-me-ão com uma mulher que pensarão ser Alyssa. Se estiver a arquejar, a debater-se e a empurrar-me de cada vez que lhe tocar, saberão que é uma impostora. E se o homem que a está a perseguir oferecer dinheiro em troca de informações sobre uma mulher estranha... será um alvo fácil de localizar.

E fácil de matar. Jack não o disse, mas pensou-o. Tal como Morgan.

— Não podia sair daqui como mulher da limpeza, freira ou algo assim?

— O seu amigo armado vai estar à espera, a observar. Não acha que uma freira a sair de um clube de *strip* levantaria algumas suspeitas?

Ele tinha razão, raios. Ela tinha de se controlar. Se vestir-se como uma *stripper* e deixar que um tipo de bom aspeto a apalpasse durante alguns minutos era tudo o que precisava de fazer para ficar em segurança, havia de sobreviver ao embaraço e ao golpe na sua modéstia.

Havia apenas um problema: ela reagia a Jack não como uma distração mas como uma mulher. O seu corpo aquecia por ele com apenas algumas palavras sussurradas e um olhar de relance. Ainda assim, o embaraço que sentia por lhe responder era pouco, em especial quando comparado com a morte. Quando aquele fiasco terminasse e ela pudesse encontrar um sítio para se esconder, não voltaria a ver Jack Cole nem se preocuparia com o facto de ele saber que a excitava.

Inspirando fundo, largou o pulso dele.

— Miúda esperta — elogiou ele.

Morgan sentia-o, o seu olhar atento a deslizar-lhe pelo ombro, enquanto virava o pulso até todo o seio estar pousado na sua mão. Ela engoliu em seco. Deus, a sua carne parecia pesada e a mão dele quente. Ele pairava junto dela, a respiração a queimar-lhe a parte de trás do pescoço. A tensão aumentava dentro do seu estômago... e mais abaixo, apertando-a com uma ânsia que queria negar — e não conseguia. Os seus mamilos endureciam tremendamente sob o olhar quente de Jack. Morgan fechou os olhos com força.

Depois ele deslizou um polegar sobre a ponta tensa. Uma onda de prazer elétrico vibrou ao longo da espinha dela.

Incapaz de resistir, arqueou as costas, empurrando o seio contra a mão dele.

— Linda menina — murmurou-lhe Jack ao ouvido, tocando ao de leve na curva sensível do pescoço dela com os lábios.

A excitação voltou a apertá-la, pulsando, profunda e forte. O coração dela batia como um bando de carpinteiros a martelar. Ela apertou as coxas com força.

A mão esquerda de Jack juntou-se à direita, apoderando-se do outro seio num enxame escaldante de dedos. Ela não saltou, mas teve de lutar contra a necessidade de se contorcer, à medida que o prazer agredia os seus sentidos naquele duplo assalto. Teve de morder o lábio para sustentar um gemido.

Porque é que o seu corpo reagia daquela forma a um homem que ela não conhecia e que levava uma vida sexual na qual ela não participava?

Tudo isso deixou de importar quando ele apertou as pontas duras dos seus mamilos entre os dedos, fazendo-os rolar, lentamente, com uma paciência erótica.

O desejo aumentou em flecha na sua barriga, disparando diretamente para o meio das pernas.

— Jack... — protestou.

— Chiu. Está a sair-se muito bem, *chère*. Desde que não aja como se eu fosse um estranho, ficaremos bem.

Bem? Se ele repetisse aquilo, ela derreter-se-ia.

Não o fez. Em vez disso, a mão direita libertou o seio dela e deslizou pela sua barriga, descendo, descendo, até os dedos se terem enfiado por baixo da renda preta e húmida da tanguinha dela e, sem hesitação, terem encontrado o clítoris inchado e faminto. Ela arquejou e apertou as coxas contra ele. Deus, ele sentiria como a deixara molhada. Aquilo era ridículo. Ele não lhe ia tocar ali em público.

— Não faça isso — avisou ele, afastando a mão. — Um corpo tenso e arquejos ultrajados denunciá-la-ão. Relaxe.

— Isto não é necessário — afirmou Morgan, a voz tensa.

Ele fungou um som cínico.

— Vindo de uma miúda que nunca fugiu de um assassino. Ele seguiu-nos até aqui. Esqueceu-se?

— Não e não sou uma miúda.

— *Non?* Então pare de responder como uma. Vamos ter de ser muito convincentes para conseguirmos sair daqui inteiros. Estou a tentar salvar-lhe a vida, não roubar qualquer virtude que possa ter.

— Este tipo de comportamento não se limitará a chamar a atenção?

— Nova Orleães não é o único local a celebrar o carnavalesco Mardi Gras. O Sol já se pôs e a festa está prestes a começar. Comportarmo-nos demasiado bem far-nos-ia saltar à vista no meio da multidão, *chère*.

Era provável que tivesse razão. Morgan tinha de confiar nele. Não tinha qualquer motivo para não o fazer, já que ele a mantivera viva até ali.

— Desculpe.

Sentiu-o a acenar atrás de si.

— Afaste as pernas.

Oh, Deus! Porquê? O que é que ele tinha planeado?

Morgan estacou, hesitante. Se um dedo a tocar ao de leve no seu clítoris tinha lançado ondas de choque através do seu corpo, o que poderia fazer toda uma mão? Rir-se-ia ele se ela tivesse um orgasmo? Já naquele momento, sentia-se mais perto do que alguma vez julgara possível...

— Se precisar de a atar para a habituar ao meu toque, não pense que não o farei.

Perante o seu rosniado de aviso, uma nova onda de humidade jorrou dela, cobrindo a sua carne já inchada. Oh, que humilhante! Se Jack se apercebesse de que ela tinha respondido àquela ameaça... Estremeceu.

Com uma força surpreendente, Jack enfiou uma bota entre os seus pés descalços e afastou-os.

— Coloque as mãos na parede acima da sua cabeça.

— O quê?

Morgan lutou para fechar as pernas, descobrindo a coxa dura de Jack entre elas. Céus, seria ele capaz de sentir os sucos a escorrer pela tanga e a ensopar-lhe as calças de ganga?

— É a última vez que lhe digo — prometeu. — Coloque as mãos na parede ou as coisas vão ficar muito mais sérias.

Mais sérias? O que é que faltava para além do sexo? O corpo dela saltou de antecipação, perante aquele pensamento.

— Não está a ouvir... acho que quer ser atada, Morgan.

— Não — gritou ela e pousou as mãos na parede, logo por cima da cabeça.

No entanto, Morgan não tinha a certeza de não ter mentido. A ideia do *bondage* parecia primitiva e de mau gosto, à superfície. Algo que só as pessoas que não conseguiam responder ao sexo “normal” faziam. Contudo, numa mão-cheia de minutos, Jack obrigara-a a enfrentar as suas próprias fantasias.

— Assim está melhor, mas tem de parar de questionar tudo o que digo. Eu digo, a Morgan faz. Não se trata de uma negociação.

Aquelas palavras chocaram com a sua natureza independente... ao mesmo tempo que apertavam ainda mais o nó no fundo da sua barriga.

— Está a ser arrogante.

— E isso não vai mudar. Será melhor que comece a seguir as minhas direções, pequena, ou haverá consequências.

Morgan queria insurgir-se contra ele, negar que o seu poder a atraía. Contudo, isso serviria apenas para dar início a uma discussão que não tinham tempo para terminar. Se queria sair dali com o seu orgulho intacto, precisava de o convencer que estava pronta para sair dali e enganar o seu assediador. E precisava de convencer as pessoas com que se cruzassem de

que estava completamente familiarizada e à-vontade com o facto de Jack lhe tocar.

— Já consegui o que queria. Tenho as mãos na parede. Sei que me vai apalpar em público. Guardarei qualquer surpresa ou desconforto para mim mesma. Podemos acabar com isto?

— Ainda não está pronta.

— Ficarei bem.

— Então se eu fizer isto...

A mão dele deslizou para o interior da tanga, os dedos envolvendo o clítoris antes de descerem até à fenda escorregadia. Jack enfiou dois dedos dentro dela. A mão esquerda viajara ao longo do ventre de Morgan, cobrindo em seguida o seu clítoris.

Incapaz de o evitar, ela arquejou.

— Vê, não está pronta — disse ele, começando a massajar o clítoris dela enquanto os dedos enfiados no seu interior brincavam com ela até terem encontrado um feixe de nervos que Morgan não sabia possuir. Esfregou esse ponto com movimentos sem misericórdia, lentos e insistentes, arrancando um grito de arrepios das profundezas dela.

O orgasmo corria na sua direção, como um carro acelera ignorando os semáforos, na direção de um penhasco. O canal apertou-se, faminto, em redor dos dedos dele, o corpo implorando pelo clímax. Os dentes dele voltaram a raspar-lhe o pescoço. Depois ele encostou-se ao traseiro dela, esfregando uma ereção, inequivocamente grande, contra a fenda entre as nádegas.

Pelo menos ela não era a única afetada, pensou, deixando a cabeça tombar sobre o ombro dele, a transpiração explodindo por todo o seu corpo, enquanto os dedos dele a continuavam a encher, a brincar com o seu clítoris. O peito dela erguia-se a cada inspiração. Aquilo era demente. Uma loucura! A proximidade do prazer estava a matá-la. Alguma vez se tinha excitado tanto, tão depressa?

As sensações aumentaram, até sentir o prazer a enchê-la, quase ao ponto de explodir.

Depois ele afastou o seu toque, deslizando as mãos da tanga e pousando-as nas ancas dela.

— Nada de se vir, não a menos que eu diga que pode.

Antes que o pudesse evitar, um gemido escapou-se-lhe da garganta.

Jack voltou a beijar-lhe o pescoço, uma carícia de lábios, um toque de dentes.

— Agradecer-me-á mais tarde.

Morgan não conseguia imaginar porque pensaria ele tal coisa. O seu corpo estava tão repuxado. Ele excitara-a de tal forma, ela estava tão tensa,

a sua mente tão veloz. Se ele lhe tocasse em público, o mais certo era que atingisse o clímax de uma forma tão violenta que perderia os sentidos.

As mãos dele voltaram a deslizar pelo abdómen dela, até aos seus seios. Ele acariciou-os, rolando os mamilos entre os dedos mais uma vez. Ela arqueou as costas, empurrando-os contra a mão dele e deslizando o traseiro pela impressionante ereção atrás de si. Mordeu o lábio para refrear um gemido.

Ele afastou-se com uma gargalhada.

— Boa tentativa.

— Jack... — Não queria implorar. A sério. No entanto, como seria ela capaz de manter a lucidez nas redondezas dos mauzões, quando o seu corpo doía tanto?

— Vai voltar a duvidar de mim?

O tom da voz dizia a Morgan que isso seria muito má ideia. Contudo, deixá-la cheia de desejo, daquela forma, não era melhor. Ainda assim, um olhar de relance por cima do ombro, para a expressão proibitiva no rosto dele, silenciou a súplica na ponta da sua língua.

— Não.

— E se eu... — ele baixou a mão, deslizando de novo para o interior da tanga e esfregando-lhe o clítoris com os dedos — fizer isto...

O prazer voltou a disparar através dela, renovado e feroz. Ela gemeu e lançou as ancas contra o seu toque. Tão, tão perto...

Uma vez mais, ele afastou-se.

— Excelente. Agora já não se afasta quando lhe toco.

— Vai deixar-me assim?

— Está a convidar-me para fazer algo sobre isso mais tarde? — A voz baixa dele rolava como gravilha ao seu ouvido.

Jack gostava de atar as mulheres e de as possuir, corpo e alma. O pensamento gritou dentro da sua cabeça. Que diabo tinha ela feito?

Deixava que ele fizesse o que queria, tudo o que queria...

— Nem por sombras. — Ficou rígida, tentando afastar-se dele.

— É pena. Gosto de pequenas como a Morgan, tão rijas por fora, tão cremosas por dentro. A ideia de a ouvir gritar, até ficar rouca, enquanto a como, excita-me.

Oh, céus! A ela também.

— O Jack é o sujeito de uma entrevista. Mais nada.

— Fica assim tão molhada com todas as pessoas com quem fala? — troçou.

— Vá para o inferno.

Com uma gargalhada, ele bateu na nádega exposta dela com a palma da mão larga.

— Vista-se.

Morgan começou a virar-se para ele, preparando-se para o censurar por a ter excitado, mas depois o ardor na nádega transformou-se em puro fogo. Em vez de o censurar, deu por si a morder o lábio para impedir mais um gemido.

Veste mas é as roupas e sai daqui. Isso fará com que tudo desapareça.

Passando por Jack a passos largos, Morgan enfiou-se na saia roxa, indecentemente justa. Depois enfiou um corpete de cabedal a condizer que realçava a sua pequena cintura e que empurrava de tal forma os seus seios que estes se transformavam praticamente numa prateleira. Durante todo esse tempo, sentiu o olhar de Jack fixo nas suas costas e a ânsia da luxúria que ele despertara a crepitar através do seu corpo.

Por fim, enfiou os pés num par de botas pretas de saltos finos e biqueira pontiaguda. Espantosamente, até eram algo confortáveis.

— Vamos despachar isto — cuspiu.

Ele fitou-a.

— Está pronta para o que vai acontecer quando sairmos por aquela porta?

— Seríamos presos se fizéssemos mais do que acabámos de fazer em público, por isso parece que sobrevivi ao pior.

Ele guiou-a através da porta, com um sorriso.

— Acha?

Capítulo Três

Jack desceu as escadas, segurando a mão de Morgan. Quase não se conseguia refrear de usar a outra mão para ajeitar o pênis teso dentro das calças. Raios, aquela mulher quase lhe fizera rebentar o fecho.

Depois do pequeno episódio no quarto de Alyssa, ficara a saber três factos inegáveis sobre Morgan O'Malley: um, ela possuía um corpo que o atraía. O seu aspeto, o seu cheiro, o seu tato — tocavam-no a um nível primitivo e incitavam-no a continuar a provocá-la até ela se entregar por inteiro. Dois, devia ser incrível ter relações com ela. Seios altos com mamilos sensíveis, uma boca linda e um cariz independente e inesperado que lhe dizia que representaria, simultaneamente, um desafio e um triunfo para o homem que a conseguisse domar. Três, tinha uma forte tendência submissa... e não queria admiti-lo. As suas reações húmidas, quase orgásmicas, às suas ligeiras — está bem, exageradas — exigências de que se habituasse ao seu toque eram deveras reveladoras. De cada vez que ameaçara prendê-la ela ficara ainda mais húmida. Precisara de exercer um extraordinário autocontrolo para impedir que ela atingisse o orgasmo e para não a penetrar nesse preciso momento.

Sabia mais algumas coisas sobre Morgan: não entrava em pânico nem se rendia perante o perigo. Estava assustada, claro. Só uma idiota não sentiria pelo menos um toque de medo, sabendo que um homem que a seguira através do país para a matar se encontrava do outro lado da porta. Contudo, Morgan dera ouvidos à sua lógica, ripostara quando discordara dos conselhos apresentados e resistira às suas primeiras ofertas de ajuda. Esses factos diziam-lhe muito sobre ela — e sobre como lidar com ela. Paciência, persistência, uma combinação de ternura e exigência alfa.

Por fim, se Morgan era a noiva de Brandon Ross, seria um desperdício nas mãos daquele sacana aborrecido e tenso. Brandon ignoraria as exigên-

cias que não compreendia e não conseguia realizar, fantasias que Jack estava certo que ela tinha. Satisfazer aquelas fantasias requeria alguém com mais tomates, ternura e autocontrole do que Brandon alguma vez sonhara possuir. Quase sentiu pena de Morgan. Na verdade, a longo prazo, talvez lhe estivesse a fazer um favor...

No entanto, a pena não o ia impedir de obter a vingança há muito procurada contra o sacana que lhe lixara a vida.

Primeiro, contudo, tinha de tirar Morgan com vida daquele clube.

Quando chegaram à porta nas traseiras da escura casa de *strip*, ele arrastou-a através de uma cortina que dava acesso à zona dos bastidores. Subitamente, a música ribombante parou e fizeram-se ouvir aplausos entusiasmados. Uma morena esguia, de grandes seios artificiais, agitava as ancas à multidão de homens que enfiavam notas no seu fio dental minúsculo. Morgan olhava fixamente, sem dúvida desconfortável com tanta nudez e com o toque de completos estranhos. *Ótimo*. Embora tivesse estado em dezenas de locais como aquele, queria uma mulher que só se oferecesse a ele, não a uma sala cheia de pilas tesas.

Afastando os olhos da dançarina, Jack observou a multidão. Conhecia o estado de espírito da clientela, a sensação dos libertinos em busca de alguma diversão hedonística. Do outro lado da sala repleta de fumo, um tipo de calças de ganga e camisola preta olhava à sua volta, em vez de olhar para a *stripper* que saía do palco e permitia ao público uma visão privilegiada do seu traseiro. A alguns passos dele, um outro tipo, de fato, pairava no canto, apresentando um franzir de sobrolho atento. Não se enquadrava ali. O alto por baixo do casaco sugeria a Jack que o tipo podia ter uma arma guardada num coldre a tiracolo.

Qualquer um daqueles tipos — ou nenhum deles — podia ser o atirador de Morgan. No entanto, Jack sabia que não podiam correr riscos.

Tão descontraidamente quanto possível, virou Morgan para ele e disfarçou a sua abrupta paragem no meio da multidão puxando-a contra si e depositando uma série de beijos no pescoço dela. Morgan ficou tensa.

— *Chère* — chamou ele.

Os que estivessem por perto ouviriam aquela palavra como uma declaração de ternura. O aceno de Morgan disse-lhe que ela percebera o aviso, tal como fora a sua intenção. Morgan forçou a tensão a abandonar os seus ombros.

— Vejo dois homens que parecem suspeitos — sussurrou ele contra a pele tão, tão macia do pescoço dela. — Algum deles lhe parece familiar?

Ela hesitou e Jack aproveitou a sua distração para inspirar o seu doce cheiro a framboesa, deslizando os lábios pela sua pele, pecaminosamente macia.

— Não consigo pensar enquanto faz isso — sussurrou ela, rouca.

Jack deslizou a mão pelas costas dela, pela curva das suas nádegas, mais porque queria do que por ser necessário. No entanto, ajudava com a imagem de que eram amantes que não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro.

— Pode. Vai.

Morgan inspirou uma palavra de cinco letras e Jack sorriu. Se aquele praguejar não lhe dissesse que a estava a afetar, a pulsação acelerada na base do seu pescoço dizia. A parte intriguista dele adorava saber que a afetava. Tal como o seu lado sexual. Oh, ele não se tinha esquecido de que era provável que o atirador estivesse por perto, mas o sacana era demasiado esperto para disparar no meio de tanta gente capaz de o reconhecer. Além disso, o idiota doentio não tinha razão para desconfiar que Morgan não fosse Alyssa.

— Não consigo ver. Está demasiado fumo e eu sou demasiado baixa.

Duas afirmações verdadeiras. *Raios!*

Envolvendo o corpo dela com os dois braços, Jack puxou Morgan contra o seu peito. O cimo da cabeça dela mal lhe chegava ao ombro, recordando-lhe como ela era pequena. Com tão grande personalidade, era difícil esquecer as suas dimensões físicas.

Tendo em conta a sua história, tinha passado por muito ultimamente. Jack não conseguia deixar de admirar a sua perseverança em continuar, a sua força para lutar.

— Vamos sair daqui, não se vá dar o caso de um deles ser o nosso pesadelo amante das armas.

Morgan acenou, mas ele sentiu-a tremer. Jack afastou-se para olhar para o seu rosto. Sob a espessa maquilhagem, os olhos azuis refletiam com clareza o conhecimento de que estava a ser perseguida. No entanto, partes iguais de medo e determinação apertavam a sua boca macia. Ela não ia desistir.

Nem ele.

— Não vou deixar que algo lhe aconteça — garantiu-lhe. — Dê-me a mão. Sorria. Não está mal. Agora, siga-me até à porta.

Lentamente, Jack avançou através da multidão, mantendo-se tanto quanto possível no lado oposto da sala. Parou para responder a um cumprimento, aguentar algumas palmadinhas nas costas de uns miúdos de uma fraternidade que ajudara, certa vez, a saírem de uma enrascada, e que achavam, todos eles, que comer Alyssa seria o paraíso para qualquer homem.

Os tipos suspeitos dirigiram-lhes olhares enquanto eles se aproximavam da porta. O tipo de fato manteve o olhar fixo em Morgan. Jack observou disfarçadamente o homem enquanto este a avaliava, os olhos semicer-

rados em sinal de especulação. Correr serviria apenas para alertar o sacana, se se tratasse do assediador de Morgan.

Em vez disso, Jack fez com que Morgan girasse sobre si mesma e agarrou-a. Os olhos dela abriram-se muito, enquanto ele lhe segurava o rosto entre as palmas das mãos e cobria a boca dela com a sua.

A suavidade dela assaltou-o de imediato. Depois de um arquejo de protesto, Jack sentiu Morgan forçar o corpo a relaxar. A submeter-se. Perante a pressão dos seus lábios, ela abriu-se a ele, lenta, lentamente, com uma tímida hesitação que o fez arder de desejo. Uma deliciosa incerteza temperava-lhe o beijo, deixando-o duro como uma lança. No entanto, não era o suficiente nem para convencer o assassino que a perseguia nem para acalmar a fome que se agitava como uma tempestade violenta no interior de si.

Não podia esperar mais.

Um rosnido ergueu-se-lhe da garganta, quando ele mergulhou no beijo e incitou os lábios dela a abrirem-se ainda mais. A sua língua penetrou-lhe a boca com movimentos devastadores. E gemeu quando o seu calor húmido e adocicado e o seu sabor a canela lhe explodiram através dos sentidos. Misturado com o gosto do seu medo.

Morgan começou a beijá-lo, hesitante. Abrindo-se a ele, amolecendo. Pouco depois, soltava um suave gemido e acompanhava o ritmo dele, a sua língua procurando a de Jack, quando este recuou. Ela agarrou-lhe os ombros e colou-se a ele, inclinando a cabeça até as bocas de ambos se encaixarem na perfeição. Agarrando-a com mais força, ele afundou-se mais profundamente dentro dela. O gosto do medo na língua dela dissipou-se. Ela estremeceu — mas agora a sua reação não tinha absolutamente nada a ver com medo.

Morgan arquejou... depois rendeu-se, abrindo-se por inteiro.

Esmagando a satisfação que sentira perante a exuberância da sua resposta, Jack prometeu a si mesmo que haveria tempo suficiente para a comer, deixar Brandon sem noiva e gozar cada instante das suas respostas suaves e tímidas. Mais tarde.

Pondo fim ao beijo com uma dentadinha no sumptuoso lábio inferior dela, Jack abriu os olhos a tempo de ver o tipo de fato a conversar com alguns dos clientes habituais. Jack assegurou-se de que tapava Morgan da vista dos tipos que por ali passavam, pelo menos, mais de uma vez por semana. Esperava que nenhum deles se lembrasse de que nunca o tinham visto beijar assim Alyssa.

O tipo de fato escutou, acenando em seguida o seu agradecimento. A decepção ensombrou-lhe o rosto. O tipo de calças de ganga e camisola tinha desaparecido.

— Acho que podemos ir — murmurou a Morgan. — Vamos sair daqui. Uma vez mais, tomou-lhe a mão. Conduziu-a diretamente para a porta da frente. A multidão na rua engoliu-os rapidamente e Jack sorriu.

Uma vez passado o perigo, uma vez seguros de que não estavam a ser seguidos, podia concentrar-se em Morgan — e em todas as formas deliciosas que conseguia imaginar para fazer com que ela se rendesse.

Numa questão de minutos, Jack conduziu-a à sua carrinha, estacionada numa escura rua lateral. Morgan hesitou. Brandon não ia ficar contente por ela ter abandonado o seu carro, mas que outras opções tinha? Não tinha argumentos que pudesse opor à lógica de Jack, segundo a qual o seu assediador procuraria por ele na estrada, já que a seguira até ali.

Resolvida essa questão, Jack enfiou-a no lugar do passageiro da sua lustrosa carrinha preta. Morgan teria de ser cega para não ver o seu olhar a demorar-se nas coxas expostas e no decote criado pela vestimenta de galdéria de Alyssa, em cabedal roxo. Os quilómetros de pele que expunha faziam com que tivesse vontade de localizar a tenda mais próxima e cobrir-se com ela. Contudo, uma outra parte dela aqueceu sob o olhar de Jack. A seta de desejo lançada diretamente para o clítoris ainda latejante encorajava-a a erguer um pouco mais a saia e a exhibir a Jack um vislumbre convidativo. Contudo, resistiu à perigosa tentação.

O desejo escuro e familiar, aliado à tensão e à incerteza, abateu-se sobre ela. Como tinha a sua vida descambado tão depressa? Como se deixara ficar à mercê de um estranho que a deixava a pulsar com um desejo que a envergonhava?

— Não me deite esses olhares — disse, em tom ríspido.

Jack afastou os olhos, a seu tempo.

— Porque não? Está com bom aspeto.

— Pareço uma prostituta.

Mais rápido que um relâmpago, ele inclinou-se sobre os assentos e invadiu o seu espaço pessoal. Cheirava a meia-noite e masculinidade. A perigo.

— Parece disponível e disposta. Não parece estar à venda.

— É a mesma coisa.

— *Non*, não é.

Jack não disse mais nada durante longos segundos. Afastou-se lentamente e ligou a carrinha, depois afastou-se da rua ladeada de árvores e desapareceu no lusco-fusco. Ao fim de algum tempo, viraram para sudeste, em direção ao coração do *bayou*.

Com mais um olhar de relance para Morgan, Jack explicou.

— Quando uma mulher parece estar à venda, um homem olha para a carteira antes de voltar a olhar para ela. Disponível e disposta deixa simplesmente o homem em brasa. Disponível e disposta só para ele faz com que um homem ferva de desejo. Neste preciso momento, estou com um tesão infernal.

A noite começou, por fim, a fechar-se à sua volta, escura e absoluta. Morgan engoliu em seco. A forma como Jack olhara para ela na escura pequenez do interior da carrinha deixou-a a pensar. E, se quisesse ser honesta, deixou-a molhada. Teria ele compreendido que ela nunca se tinha vestido de forma tão provocante para nenhum homem, por nenhuma razão?

— Se fosse minha — prosseguiu, a voz um sussurro áspero —, mostrar-se-ia elegante em público. Mas em privado... — Ele sorriu, um vislumbre de dentes brancos, iluminados pelo luar que cortava a escuridão da carrinha; era um sorriso que prometia satisfação. — Em privado, vestia-lhe menos do que tem agora vestido. Muito menos. Sem essas inúteis calcinhas de renda que traz vestidas.

Morgan quase não conseguia continuar a respirar. Não se queria vestir assim. Parecia, de certeza, vulgar e fácil.

No entanto, não podia negar que também a tornava consciente do seu corpo, do seu poder feminino. Sensual, querida e desejada. Como era isso possível?

— É terrivelmente direto.

— Sou honesto — admitiu ele. — De que serve mentir?

— Oh, não sei! Para se ser educado.

Jack limitou-se a fungar.

— E estas cuequinhas não são inúteis. Cobrem o essencial.

— Exatamente. Porque haveria de o querer coberto?

Ela ficou de boca aberta.

— Não me vou andar a mostrar a toda a gente na primeira brisa que soprar.

— Mas se fosse minha, o que está por baixo dessa saia seria meu, não seu, para revelar ou esconder, conforme achasse conveniente.

As palavras dele fizeram-na arder com o choque — e com um terrível e inconfundível desejo. Morgan arquejou.

— Chocada, *chère*? A submissão é isso. Entregar todo o controlo nas mãos de outra pessoa. A privacidade, o corpo, o prazer.

Durante longos minutos, ele nada disse e Morgan perdeu-se na sua imaginação. Poderia um homem dominante insistir realmente com a sua parceira para que mostrasse qualquer parte — ou todo — o seu corpo a quem quisesse? Em qualquer lugar? A qualquer altura? Contorceu-se no

banco perante tal pensamento. Era perturbador e abusador. Contudo, parte dela achava aquelas palavras relutantemente provocantes. Proibidas. Céus, tinha enlouquecido!

Ainda assim, a curiosidade seguia-a de perto. A isso permitiu rédea larga. Afinal de contas, ia entrevistá-lo sobre esse tema. Havia a questão da integridade jornalística e tudo o mais.

— O que está a dizer... parece egoísta e maldoso, expor alguém sem ter em consideração os seus sentimentos.

— Poderá parecer assim, à superfície.

— Como assim, à superfície?

— Como lhe disse *online*, uma das funções de um bom dominante é ser capaz de olhar para dentro da alma da sua submissa e conceder-lhe todo o prazer que deseje. Muitas submissas nem sempre estão conscientes dos seus desejos mais secretos. — Ele virou-se para olhar para ela, os seus olhos cor de chocolate, penetrantes, diretos. — Ou acham-nos vergonhosos, pelo que se recusam a admiti-los.

Jack estava a falar para ela. *Sobre ela*. Com um olhar de relance, escalante, deixou-o bem claro. A respiração dela tornou-se mais curta, a pulsação acelerou. Não podia continuar a ignorar o facto de o seu estômago — e os seus mamilos — terem ficado tão doridos e tensos.

— E força uma mulher a envolver-se em atos que acredita corresponderem aos seus desejos mais secretos, mesmo que ela não os queira reconhecer.

— Ela tem de os aceitar para encontrar a verdadeira satisfação. O meu papel é ajudá-la.

— E o que ganha com isso? Quer dizer, se está sempre a tentar ler a mente dela e a convencê-la a fazer coisas novas e inusitadas...?

— As coisas novas deixam-na tão excitada que ela me dá o controlo absoluto e me implora que a coma como e onde eu quiser. Estou certo de que vê os benefícios óbvios.

Sim, era difícil não os ver. Seria possível ficar excitada ao ponto de implorar dessa forma? Uma imagem mental de Jack a prendê-la, a apalpá-la, enquanto ela se contorcia sob o seu toque explodiu-lhe no cérebro. Uma onda de calor crepitou no seu ventre... e mais abaixo. Só Deus sabia como o seu toque agressivo, mais cedo naquele dia, a inundara de excitação tão depressa que ela quase ficara tonta. E o seu beijo quase tinha feito desaparecer a maior parte dos pensamentos de medo e hesitação, a multidão e o assediador.

Não duvidava que ele fosse capaz de levar uma mulher a suplicar por qualquer coisa, por tudo. Se ela não tivesse cuidado, não mantivesse a distância, depressa se transformaria em mais uma marca na coluna da cama.

Pior, ele conseguia abrir a sua psique e expor todas as fantasias escondidas que deviam permanecer nos cantos escuros da sua mente.

Era tempo de mudar de assunto.

— Obrigada por me tirar de Lafayette. Teria entrado em pânico e fugido a correr quando as balas começaram a voar. Sozinha, jamais teria sido capaz de criar este disfarce e... distraí-lo.

— Faz parte do meu trabalho, Morgan.

— Não tinha de o fazer. — Depois, recordando a forma como as mãos dele tinham percorrido o seu corpo, no quarto de Alyssa, dirigiu-lhe um olhar desconfiado. — Na verdade, acho que fez mais do que o seu trabalho exigia.

— Pense o que quiser. — O sorriso de Jack disse a Morgan que aquela afirmação o divertia.

— É o que costumo fazer. — Ela cerrou os dentes, desejando saber como apagar aquele sorriso do rosto dele. — Para onde vamos?

— Tenho uma casa. É segura. Podemos escondê-la lá até descobrirmos o que fazer.

A ideia de ficar perto de Jack, mesmo que apenas por alguns dias, perturbou-a.

— Talvez fosse melhor alugar um carro e regressar a Houston. Já abusei...

— Ele aperceber-se-á rapidamente e segui-la-á, Morgan. Este tipo não é parvo. É psicótico mas não é parvo. Prefere estar em segurança ou morta? Além disso, será uma boa oportunidade para aprender acerca de Domínio e submissão. Posso garantir que parecerá uma especialista, no seu programa.

— Acho que já percebi.

— *Chère*, ainda nem sequer tocou ao de leve na questão.

— Não preciso que me volte a tocar.

O sorriso dele era capaz de derreter manteiga.

— Pode pensar que não precisa, mas eu sei que precisa. Precisa tanto quanto o deseja.

O maxilar de Morgan caiu, aberto.

— O Jack é um sacana arrogante.

— A Morgan é submissa e eu sou arrogante. Vê como já nos estamos a conhecer bem?

A resposta atrevida dele deixou-a furiosa.

— Eu não sou... Basta! Leve-me de volta a Lafayette.

Jack dirigiu-lhe um olhar de relance, divertido.

— De volta para o carro do seu amigo, aquele sobre o qual o seu assediador provavelmente tem, neste preciso momento, apontada uma espingarda?

Morgan mordeu o lábio. *Raios*. Porque é que ele tinha de ter razão?

— Ou talvez eu a deva deixar na esquadra da polícia? — provocou. — São sempre uma tão grande ajuda nos casos que envolvem assédio.

Cerrando os punhos, Morgan não disse nada, sabendo, mais uma vez, que era verdade.

— Ou talvez pudesse meter-se num avião e voltar para L.A. Quanto tempo acha que seria preciso para que ele deixasse de tirar fotografias e voltasse a tentar acertar-lhe com um tiro no meio dos olhos? Tem algum desejo de morte?

— Não. — A voz dela vibrou com a raiva que sentia a percorrer-lhe o corpo. — Tem algum botão para lhe fechar a boca?

Jack limitou-se a sorrir.

— É demasiado esperta para preferir enfrentar um assassino a enfrentar a sua sexualidade, Morgan. Vou colocar-lhe a mesma questão que lhe coloquei antes de o assediador ter começado a disparar: de que tem medo?

— Não vou ter esta conversa consigo.

Ele encolheu os ombros, como se não se importasse com a resposta dela.

— Como queira. A vida é sua. Devo levá-la de volta para Lafayette ou quer ficar em segurança, comigo?

Céus, como queria apanhar o sacana de surpresa. Cuspir-lhe na cara e cortar-lhe verbalmente os tomates, exigindo que a levasse de volta ao carro de Brandon, para que pudesse regressar a Houston, onde ficaria longe das suas palavras desafiantes e do seu toque malvado.

Contudo, uma vez mais, raios, ele tinha razão. Colocar-se de novo no caminho de um assassino porque Jack tocava em alguns dos seus botões sexuais era uma verdadeira estupidez. Não tinha nenhum local seguro onde ficar e, apesar da sugestão de Brandon, *não* ia telefonar ao senador Ross. Este não ergueria um dedo para a ajudar.

— Irei consigo — disse, por entre os dentes cerrados.

— Linda menina. Temos algumas horas de viagem pela frente e está a ficar tarde. Tente dormir um pouco.

Morgan não tinha a certeza de o conseguir. Sentia-se demasiado vulnerável perto de um homem como Jack, em especial quando tinha um assediador atrás de si.

— Estou bem.

— Não era uma sugestão. Não estamos a ser seguidos. Não há ninguém nesta estrada durante quilómetros. — Fez um gesto que abarcava a estrada aberta e os campos à sua volta, completamente livres das luzes dos faróis dos carros. — Está em segurança e vai precisar da sua força mais tarde, *chère*, caso não tenhamos despistado de vez o assediador.

Morgan suspirou, depois dirigiu-lhe um relutante olhar de relance. Mais uma vez, ele estava certo.

Morgan cruzou os braços sobre o peito e deslizou o corpo na direção da janela do lado do pendura. Contudo, depressa o movimento ritmado do carro a embalou. Fechou os olhos e adormeceu.

Duas horas mais tarde, Jack parou a carrinha junto à beira da água, em frente ao barco que aguardava onde ele o tinha deixado. Depois de ter ajudado uma Morgan sonolenta a subir a bordo, percorreram o rio durante algum tempo, Jack avançando com a ajuda de uma vara através do pântano, enquanto Morgan adormecia e acordava, tremendo com o ar frio de fevereiro. Jack fez o que podia para a proteger do vento com o seu corpo. Inconscientemente, Morgan aninhou-se contra Jack quando este a envolveu com um braço.

Isso provocou-lhe um tesão tão grande que doía.

Chegaram ao seu destino um pouco antes das dez. Jack tomou uma Morgan adormecida nos seus braços, segurou-a com firmeza e dirigiu-se para a casa escura.

Estava à espera de ter de ser ágil em Lafayette, apressá-la e usar falinhas mansas para a atrair para um quarto de hotel onde pudesse exercer a sua vingança. Tê-la ali, no seu domínio, era melhor — e pior. O assediador tinha-o ajudado a levar Morgan para onde a queria mas nunca sonhara que a conseguiria levar. Teria Morgan só para si, no seu território, onde podia dedicar horas à sua sedução e à sua vingança. Doce, certamente.

No entanto, Jack não podia fingir que o assediador doentio não o preocupava. Pelo menos ali, com ela, podia protegê-la de um psicopata que tinha, sem dúvida, decidido que, se não a podia ter, mais ninguém poderia. Mantê-la-ia em segurança; devia-lhe isso. Em especial, agora que se tornara claro que Morgan já não se conseguia defender e estava completamente exausta.

Contudo, a um nível físico básico, ela confiava nele. Essa confiança tremeluzia através do corpo dele, endurecendo-lhe o pénis e amolecendo-lhe as entranhas ao mesmo tempo. Porquê lutar contra isso? Ele gostava dela, mesmo que odiasse o seu noivo. Ela era, simultaneamente, enérgica e vulnerável, mordaz e ingénua. E, por uma qualquer razão, terrivelmente familiar, como se já a tivesse visto antes. . .

Mudando Morgan de posição, Jack enfiou a chave na fechadura, abrindo em seguida a porta com um empurrão. No interior da pequena cabana de estilo *Arts & Crafts*, as linhas despretensiosas e o chão de pinho fizeram-no pensar na sua infância, nas idas à pesca com o seu *grand-père* Bricce. Aquele lugar nunca tinha deixado de lhe inspirar grandes recordações, mesmo que as velhas lendas de família que o avô lhe contava o fizessem rir.

— Ah, conseguiste cá chegar.

Jack sobressaltou-se — até ter reconhecido a voz.

— Credo, velho. Estás a tentar matar-me de susto para que possas ter de volta o teu covil de pesca?

Brice acenou a sua negação.

— Quem te dera. Não queria este sítio de volta por nada. Um pardieiro.

Jack sabia que não era assim, mas Brice era demasiado velho para viver ali, tão longe do hospital.

— Há comida suficiente. As câmaras de segurança estão todas a funcionar e o gerador está carregado. Usa-o com moderação.

— Obrigado. Sabia que podia contar contigo.

— Essa é a rapariga de que falaste ao telefone, a que está a fugir para salvar a vida? — Brice apontou para Morgan, que Jack ainda segurava nos braços.

— Sim.

De olhos semicerrados, Brice aproximou-se e olhou fixamente para Morgan.

— Tens a certeza que não queres só dormir com ela? É uma *jolie fille*, mas veste-se um bocado como uma prostituta.

— É um disfarce, *grand-père*.

Brice franziu as sobrancelhas cinzentas, a desaprovação continuando a ensombrar os seus traços fortes. Sorrindo para si mesmo, Jack contornou o avô e dirigiu-se para o único quarto da casa. Pousou Morgan na cama, depois dobrou-se para lhe tirar as botas pretas. Se o avô não estivesse a ver, tirar-lhe-ia o resto das roupas, só pelo prazer de olhar para ela... contudo Brice, para além de não aprovar, veria algo que lhe podia prejudicar o coração de oitenta e dois anos.

— Ainda tens aqueles sonhos? — perguntou-lhe, de súbito, o avô.

Jack revirou os olhos, lamentando o dia em que dissera qualquer coisa.

— Não querem dizer nada.

— Rapaz, foste criado no *bayou*, mesmo que o exército e a cidade grande te tiverem estragado. Uma maldição é uma maldição. Se andas a sonhar repetidamente com uma ruiva, estás prestes a conhecê-la e ela será a companheira do teu coração.

Lá vamos outra vez com estas tretas, pensou Jack com um suspiro. Se Brice quisesse usar a lenda para justificar o facto de ter casado com uma rapariga menor de idade sessenta anos antes, que bom para ele. Seja como for, Jack recusava-se a acreditar que uma qualquer mulher sem rosto, que tinha visto nos seus sonhos, o cabelo ruivo a brilhar contra os ombros nus sob a luz da manhã, estivesse destinada a ser o seu único amor. Isso era

coisa que não existia. A ruiva não passava de uma fantasia sexual que a sua mente conjurara.

— Bem, não conheci nenhuma ruiva ultimamente, por isso é pouco provável. Os sonhos não significam nada.

— Continua a repetir isso a ti mesmo, rapaz. Ela vai aparecer. Já não falta muito. Não disseste que já tinhas esses sonhos há cinco meses?

Seis, mas quem é que estava a contar? Jack encolheu os ombros.

— Ela vai fazer de ti um crente — terminou Brice.

— Como queiras, *grand-père*.

O velho emitiu um grunhido, sabendo que Jack estava a desconsiderar a velha lenda da família de que ele tanto gostava. Os sonhos... tinham de ser uma coincidência, um subproduto da solidão e do facto de não dar uma boa pinada há uma eternidade. Nada mais fazia sentido.

— Bem, este velhote vai levar o seu velho corpo para casa e metê-lo na cama. Precisas de mais alguma coisa, rapaz?

— Vamos ficar bem.

— Toma conta de *ta jolie fille*.

Jack suspirou.

— Ela não é a *minha* linda menina.

E, por uma qualquer razão, irritava-o ter de o admitir. Talvez porque ela fosse um desperdício nas mãos de um idiota como Brandon Ross.

Com um riso que estalava de divertimento e idade, Brice partiu. Jack ouviu a porta da cabana a fechar-se e regressou ao quarto.

Acendeu a lâmpada de querosene que ali se encontrava e que lançou um suave brilho sobre Morgan. Esta parecia desconfortável, enquanto ele a via contorcer-se e murmurar no seu sono.

Retirou um par de brincos berrantes em que não tinha reparado antes e pousou-os na mesinha de cabeceira. O cabedal roxo... não fazia o estilo de Morgan, mas teria de ficar, por ora. Tentar tirar-lho naquele momento decerto a acordaria. Encolhendo os ombros, percebeu que só podia fazer mais uma coisa para a deixar confortável.

Suavemente, Jack enfiou a mão sob a peruca loura e macia e extraiu um gancho aqui e ali. Ela suspirou um agradecimento sonolento, quando ele ergueu a peruca e a lançou para o lado dos brincos, sobre a mesa de cabeceira.

Quando Jack voltou a olhar para Morgan, franziu o sobrolho e ergueu a lâmpada sobre ela.

Não podia ser. Não podia.

No entanto, com a suave luz dourada a brilhar sobre ela, não havia como não ver o brilho do seu cabelo vermelho-fogo.

Capítulo Quatro

Morgan acordou num quarto estranho banhado nas sombras. Uma rede mosquiteira envolvia a cama quente e gasta. Do outro lado, uma antiga lâmpada de querosene, pousada numa cómoda de linhas estilo missão, iluminava o quarto. Onde é que ela estava?

Pestanejando, sentou-se na cama com um rangido. Franziu o sobrolho ao ver o cabedal roxo que lhe cobria o tronco e as ancas. Cabedal roxo? Ela? Não era desconfortável de usar... mas era decerto desagradável ser vista nele. Por que diabo o estava a usar?

Depois lembrou-se. O ataque do assediador. Mestre J — não, Jack — a salvá-la, o seu olhar a aquecer-lhe a pele, as suas mãos a percorrer-lhe o corpo.

Ainda assim, tinha de agradecer a Alyssa pelo conjunto chocante. Este, juntamente com o comportamento chocante de Jack, tinham-na tirado viva de Lafayette.

Um fofo cobertor bege aquecia-lhe as pernas. Uns cortinados pretos fluuavam em frente à única janela do quarto, tornados transparentes pela luz prateada do luar. Uma cómoda robusta, de antiga e quente madeira de cerejeira, estendia-se ao longo de quase toda a parede ao lado da janela.

Virando a cabeça, Morgan analisou a outra metade do pequeno quarto. A porta abria-se para um belo soalho de madeira, que brilhava no corredor escuro e vazio.

E na cadeira enfiada entre a porta e um roupeiro, estava sentado Jack, sem camisa e desgrenhado, alerta — e fixo nela.

— Bom-dia, Morgan.

Dia? O olhar dele tocava-lhe por entre a escuridão banhada em luar do quarto, acariciando-lhe o rosto, percorrendo-lhe a boca, deslizando pelo

pescoço até aos seios que se erguiam do corpete de cabedal. Com apenas um olhar de relance, sentiu o calor a florescer dentro de si. Mesmo a mais de dois metros de distância, a força da sua sexualidade erguia-se em ondas sonoras. Tudo o que tinham feito no quarto de Alyssa regressou à sua mente numa torrente... acompanhada por uma ânsia tensa e irritante entre as pernas.

Lembrou-se de tudo — da forma como ele lhe tocara, do seu beijo, do seu toque, da forma como assumira o controlo. O seu cheiro misterioso, as palavras rosnadas — tinham-na intrigado. Mesmo depois de algumas horas de sono, nada mudara. A curiosidade e o desejo mordiam-na enquanto Jack a fitava, os olhos cor de chocolate quentes de conhecimento. A ânsia que lhe envolvia o corpo aumentou de intensidade.

Não se podia dar a esse luxo, não se podia dar ao luxo de o ter. Morgan afastou o olhar, quebrando o contacto visual.

Como ele se sentia, como ela se sentia — nada disso interessava. Tinha de se concentrar em manter-se em segurança e em recolher informações para o seu programa. Babar-se sobre os músculos fortes que cobriam os ombros e o peito de Jack, gritando *viril*, e pensar em todas as formas como ele podia usar esse poder para lhe dar prazer não ia tornar o seu programa melhor — nem aumentar as suas hipóteses de continuar viva.

— Como se sente? Bem? — perguntou ele.

— Estou ótima — acabou por responder. — Que horas são?

Ele encolheu os ombros e olhou de relance para a janela.

— Cerca das cinco da manhã. Volte a dormir. Ficarei aqui a tomar conta de si.

Morgan fitou-o. Saber que os olhos de Jack estavam fixos nela ia mesmo levá-la a virar-se e mergulhar na terra dos sonhos. *Como se fosse possível*. Mal conseguia respirar com o olhar de Jack sobre ela. Dormir seria impossível.

O que é que tinha aquele homem? Claro que era apetitoso, mas ela já saíra com tipos de bom aspeto. Teria a ver com a forma como olhava fixamente para ela?

A verdade acabou por atingi-la como um estalo. Não, era a sua intensidade, o seu sangue-frio, o seu ar de poder controlado. Ela sempre gostara de homens poderosos. E, ao contrário do que acontecera com os homens do seu passado, Morgan sabia que o poder de Jack era verdadeiro.

Ele detinha um dos derradeiros poderes, o poder sexual. Não se limitaria a atar uma mulher; ditaria as respostas dela e as suas, assumiria o controlo absoluto do seu corpo, dos seus orgasmos e, nesse momento, da sua própria alma.

Uma tal ideia atraía Morgan mais do que seria prudente.

— Não, estou acordada. Quer que lhe ceda a cama para dormir um pouco? Posso levantar-me — disse, deslizando para a beira da cama, de forma a deixar uma maior distância entre ambos.

— Fique.

As duas sílabas ricochetearam através do corpo dela. Era um comando, puro e simples. Notou-as a saltar dentro dela, intensificando o calor que sentia, confundindo-a. Ela não gostava de receber ordens — de ninguém. Contudo o facto de Jack lhe lançar ordens despertava uma ânsia desconfortável nos sítios errados.

Raios, talvez ela estivesse sempre excitada, no geral, e nada tivesse a ver com Jack. Afinal de contas, já se tinha separado de Andrew há quase um ano.

— Tenho dormido na cadeira — explicou.

— Não pode ser confortável.

Ele riu.

— *Chère*, passe alguns meses no Afeganistão com o exército. Esta cadeira parecer-lhe-á o Ritz.

Morgan acenou, aceitando o argumento.

— Se já está acordada, quero fazer-lhe algumas perguntas. Precisa de um café primeiro?

Ela encolheu os ombros.

— Não bebo essa horrível bebida. Demasiado amarga.

Um vislumbre de dentes brancos disse a Morgan que ele sorrisa.

— Não diria isso muito alto por estas bandas. Somos conhecidos pelo nosso espesso café de chicória. Não o beber é sacrilégio.

— É provável que arda no fogo do inferno por causa de outras coisas que fiz, a começar por ter pintado de cor-de-rosa as unhas do G.I. Joe do meu primo quando tinha cinco anos. Vou acrescentar essa à lista.

Jack riu, um som áspero como lixa.

— Uau, que maldade. O diabo já deve ter reservado um lugar especial para si.

Morgan acenou. Depois o quarto silenciou-se. A brincadeira momentânea desvaneceu-se, deixando no seu lugar um silêncio tenso. Ainda assim, sentiu o olhar de Jack fixo nela, demorando-se no seu cabelo.

Constrangida, afastou as madeixas dos ombros, puxando-as para trás das costas.

— Tirou-me a peruca. É... é ruivo — gaguejou ela. — O meu cabelo, quero eu dizer.

Ele hesitou.

— Não estava à espera disso.

Nesse momento o olhar dele alterou-se, ficou pensativo. Morgan fran-

ziu o sobrolho. De que estaria ele à espera? Porque é que a cor era importante? Talvez só gostasse de louras. Talvez... mas o seu olhar dizia o contrário.

— E vejo que me tirou as botas.

— Pareciam desconfortáveis.

A ideia de Jack lhe ter tocado enquanto estava a dormir fez com que o calor que se enroscava no seu corpo aumentasse mais um pouco. Ter-lhe-ia tocado em alguma parte mais íntima do que a cabeça ou os pés, enquanto dormia?

A questão fez aumentar mais uma vez o calor do seu corpo, agora concentrado no meio das suas pernas. Morgan contorceu-se, procurando algum alívio. Não o encontrou.

— O que é que me queria perguntar? — disse.

Conversar, sim. Era muito mais seguro do que olhar fixamente.

A postura descontraída de Jack deu imediatamente lugar a uma tensa consciência. Inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

— Que tal começarmos por qualquer pessoa que ache que a possa querer seguir e matar?

Bum! Direto. Morgan não ficou propriamente surpreendida. Afinal de contas, aquele era o cerne da questão e já desconfiava que Jack era um homem bastante pragmático.

— Sinceramente, não consigo pensar em ninguém. Já recebi alguma correspondência estranha de fãs, mas nunca assim tão estranha.

— Este tipo parece conhecê-la bastante bem, sabe onde vive, onde vivem os seus amigos e a sua família, para onde poderia fugir. — Os olhos de Jack semicerraram-se. — Fale-me dos seus relacionamentos.

— Como assim?

— Dos seus antigos amantes. — A voz rouca de Jack era exigente e sombras intrigantes brincavam sobre os ângulos duros do seu rosto e do seu tronco.

Morgan poderia ficar horas a olhar para aquele homem sem nunca se sentir aborrecida. Quente e perturbada, sim. Mas nunca aborrecida.

Raios, tinha de se concentrar na sua segurança, no seu programa, não no seu protetor.

Abanou a cabeça.

— O último que tive deixou-me, não o contrário; por isso duvido que, de súbito, exigisse que eu lhe pertencesse apenas a ele.

— Antes dele? — cortou Jack.

Morgan sentiu o rubor a subir-lhe pelo pescoço.

— Estive envolvida com um jogador de futebol profissional há algum tempo, mas quando isto começou, ele estava fora, pelo que não me podia ter tirado as fotografias, nem as podia ter entregado. Namorei durante pou-

co tempo com um embaixador. Atualmente encontra-se no estrangeiro. Por isso também não pode ser ele. Andei com um tipo na faculdade que agora é casado e tem uma filha.

— Quem mais?

— Quem mais o quê?

A linha do maxilar dele ficou tensa.

— Quem mais deixou que a comesse?

A intensidade da voz — e as palavras — sugeriam que tinha colocado aquela pergunta por motivos que ultrapassavam o meramente profissional.

— Está a ficar muito pessoal, já para não dizer rude.

— Estou apenas a tentar obter a lista completa dos suspeitos, sem rodeios, *chère*. Responda-me.

A sonoridade pragmática tinha regressado à sua voz e ela achou estranhamente difícil opor-se.

— Mais ninguém. A sério. Nem sequer dormi com o embaixador Sweeney.

— Três amantes? — perguntou Jack, a curiosidade perceptível na sua voz. — Nada mais?

Supôs que o facto de ter tido apenas três amantes até à prolecta idade de vinte e cinco anos fazia dela uma anomalia. No entanto, não lhe ia dar todos os pormenores da sua vida sexual só para acalmar a sua curiosidade. O objetivo daquelas perguntas era criar uma lista de suspeitos, mas o tom inquisitivo e grave na sua voz tinha um toque de sexualidade que gritava *atenção*.

E ele não parava de a fitar. Com cada olhar demorado, cobria Morgan com as recordações do seu beijo, do seu toque, da forma como assumira o controlo. O corpo dela não parava de aquecer, como um forno em pré-aquecimento.

— O que é que isso interessa? — ripostou Morgan, consciente de estar a evitar a pergunta. — O mais importante não é o facto de este monstro conhecer os meus hábitos, os meus amigos, a minha família e os locais para onde é provável eu ir?

Ele encolheu os ombros.

— *Chère*, não há homem no mundo que não esteja disposto a matar para ficar com a mulher pela qual desespera verdadeiramente. No entanto, se ela estiver a fugir dele, a recusá-lo e ao seu desejo... esse homem pode tornar-se muito mais implacável.

Com um estremecimento, Morgan perguntou-se se Jack pretendia, de alguma forma, dar a entender que aquela descrição se podia aplicar a mais do que ao homem que a perseguia. Estar-se-ia a incluir naquele grupo? Por uma qualquer razão, não conseguia imaginar que Jack precisasse de muitas

desculpas para ser implacável, mas também não conseguia imaginar muitas mulheres que o recusassem.

— Será especialmente perigoso se já tiver provado o que está a perder. Preciso de conhecer todas as possibilidades para que os possa verificar, investigar. Depois avançaremos para as suas outras perguntas. Agora, só teve esses três amantes?

— Sim.

— Preciso de nomes, descrição física, idade e a última morada conhecida para começar a investigar.

— Isto é embaraçoso.

— É vital. Comece a falar.

Morgan suspirou, remexeu-se e olhou para as mãos pousadas no colo.

— O Sean Gardner tem... talvez, um metro e setenta e sete. Cabelo castanho-claro, olhos castanhos. Acho que deve ter uns vinte e oito anos. Da última vez que tive notícias dele, estava a viver com a mulher e a filha em San Diego.

— E ele foi o primeiro?

Ela acenou.

— Quando eu estava no segundo ano da faculdade, sim.

— Quando o viu pela última vez?

— Há cerca de quatro anos, pouco depois de ele se ter licenciado. Só namorámos uns seis meses. Não foi nada sério.

— Mas deu-lhe a sua virgindade?

— Já respondi a isso.

— Porquê?

— Não vou responder. Isso vai para além de nome e descrição física.

— Preciso de estabelecer o motivo, *chère*. Talvez ele ainda pense em si como a sua pequena virgem e não goste de pensar que anda a partilhar essa bela ratinha que ele considera sua pertença com outros homens.

Morgan susteve um arquejo. Não estava habituada àquelas palavras, não com uma mãe cristã renascida. Jamais andaria com um homem que as usasse com tamanha descontração. A sua mãe teria caído morta... ainda mais do que depois de ter visto o primeiro episódio de *Turn Me On*.

— É pouco provável. Quando nos separámos, ele encorajou-me a sair com o colega de quarto, que parecia um cão no cio. Acredite em mim, ele estava tão farto de mim como eu dele.

Jack encolheu os ombros, libertando parte da tensão.

— O número dois?

— Brent Pherson.

— O Brent Pherson contratado pelos Raiders há alguns anos?

— Esse mesmo. Se quiser a descrição dele, procure no ESPN.com.

Com o maxilar tenso, Jack perguntou.

— Como se conheceram?

— Numa festa para a imprensa. Ele ia fazer um *reality show* sobre atletas durante o período de pausa, para a mesma empresa que transmite o *Turn Me On*. Duvido que me esteja a assediar. Nós... foi só uma noite.

Jack franziu o sobrolho, não parecendo nada feliz com aquilo.

— Porque é que deixou que ele a comesse?

— Tem de pôr as coisas nesses termos?

— Foi o que aconteceu, certo? Porque é que deixou? Sentia alguma coisa por ele?

Brent tinha a constituição de uma montanha e era, supostamente, o líder da sua equipa de futebol. Tinha-se mostrado silencioso e, aparentemente, controlado. Essa ilusão tinha-a atraído, tanto quanto o seu aspeto físico. Uma noite tinha sido o suficiente para que percebesse como ele era inseguro e descontrolado.

— Não tem nada a ver com isso.

Jack levantou-se e aproximou-se da cama, erguendo-se sobre ela. Morgan ergueu os olhos, para lá dos abdominais definidos e dos ombros ondulados que gritavam força. Tê-lo assim tão perto... não era bom para a sua saúde mental. Ele era parte afrodisíaco, parte animal. E ela respondia a isso muito mais do que queria.

— Se quer a minha ajuda, preciso de conhecer o seu passado. Não é incomum antigos amantes transformarem-se em assediadores, já que sabem onde vive, as pessoas que lhe são próximas e até podem conhecer alguns dos seus amigos e obter informações através deles. O facto de ser modesta e me estar a tratar como se eu fosse um *voyeur* só lhe está a dar mais tempo para a caçar. Tem algum desejo de morte?

— Se tivesse, teria ficado em Lafayette e tê-lo-ia deixado usar-me como alvo — ripostou Morgan. — Acha que ele nos seguiu até aqui? Viu alguém a seguir-nos na estrada?

— Não, não acho que ele nos tenha seguido. Estamos mesmo no meio do pântano, pelo que vai ter alguma dificuldade em localizar-nos. Mas não é impossível. Não se pode subestimar alguém assim.

Jack tinha razão. O estômago de Morgan estremeceu com aquela verdade.

— Eu sei.

— Ótimo, então coopere. O facto de se estar a refrear dá-me vontade de a deitar por cima dos meus joelhos e lhe dar umas palmadas no traseiro.

Morgan ficou de boca aberta.

— Não vai tocar no meu traseiro!

— Não me desafie, *chère*. Posso deixar essas belas nádegas em brasa em menos de três minutos.

Uma chama de desejo irrompeu entre as pernas de Morgan. *Feia, feia, feia. Para, já!* Ela fechou os olhos, bloqueando a sensação, o desejo. A violenta curiosidade e a ânsia.

— É um sacana insistente, sabia?

— Sou um homem dominante que está a perder a paciência com os seus joguinhos infantis. Agora, voltou a falar com o Pherson desde essa noite?

A ira dela aumentou.

— Algumas vezes. Ele mandou-me flores uma semana depois de ter passado a noite com ele. Ligou-me de vez em quando, sempre que regressava à cidade. Eu simplesmente já não estava interessada. Ele acabou por perceber e deixou de me ligar.

— Mais nada desde então?

Ela abanou a cabeça. Ele deixou o tópico Brent.

— Não o vou tirar já da lista. E o solteirão número três?

— Andrew Cummings. É mais ou menos da sua altura. Cabelo preto salpicado de branco, olhos cinzentos. Acabou de fazer trinta e nove anos. Foi o produtor de *Turn Me On* o ano passado. Começámos a namorar pouco depois do... incidente com o Brent. Passado um mês, pediu-me em casamento.

— E respondeu...? — Jack inclinou-se para a frente, invadindo o seu espaço pessoal.

— Sim. Ele era belo, culto, bem relacionado, parecia inteligente e divertido. Porque não?

Ele ficou tenso — boca, ombros, abdominais.

— Quando é que terminaram?

— Há cerca de seis meses.

— Porque...?

Porque o ego masculino de Andrew tinha ficado frustrado com a dificuldade de Morgan em atingir o clímax na cama. Ele tinha parecido tão mundano, como um farol de calma interior numa vida tempestuosa, ela estava certa de que seria o homem capaz de destrancar algo dentro dela que permitiria ao seu corpo e ao seu coração libertarem-se. Tentara-o muitas vezes... raramente com sucesso. Por fim, convenceu-a a revelar os seus desejos mais profundos, aqueles que envolviam ser atada e dominada. Pensando que os poderia ajudar, ela expôs a alma e revelou até a sua mais secreta fantasia: ser possuída por dois homens ao mesmo tempo. Não que fizesse realmente alguma das coisas que giravam nos recessos mais profundos da sua mente. Eram apenas fantasias... Um facto que Andrew não compreendeu.

Chamara-lhe tarada — e outras coisas menos elogiosas que lançaram facadas de dor através das suas entranhas e uma onda de vergonha que fervia nas suas fontes sempre que pensava nisso.

Atirara-lhe o anel à cara. Ele agarrara no anel e desistira do programa. Nunca mais se tinham falado.

E nada a faria partilhar a mais pequena parte daquilo com Jack.

— Não estava a funcionar, mais nada — disse.

— Porquê?

— Nós... não nos entendíamos tão bem quanto supúnhamos.

— Está a esconder qualquer coisa de mim — rosnou ele, agarrando-lhe o pulso.

Morgan afastou-se do calor elétrico do toque dele.

— É tudo o que lhe vou dizer. Ele deixou-me e eu fiquei feliz por o ver partir. Como já disse, duvido muito que, subitamente, me queira de volta.

— Até me dizer a verdade, não posso comentar.

Jack cruzou os braços sobre o peito.

— É toda a verdade de que precisa.

A expressão ensombrada de Jack disse a Morgan que discordava.

— O tempo o dirá. — Ele recuou um passo. — Quem é o seu “amigo” em Houston?

Consciente de que não tinha ouvido a última pergunta de Jack sobre o noivado rompido com Andrew, Morgan inspirou fundo e respondeu.

— Chama-se Brandon Ross.

O maxilar de Jack ficou tenso.

— É mais do que um amigo?

Morgan hesitou. Ninguém sabia que ela e Brandon eram parentes. Manter o segredo fazia parte do acordo que a mãe fizera com o senador Ross há muitos anos. Ele persegui-la-ia com tudo se permitisse que a verdade fosse revelada. Por isso, ela e Brandon tinham inventado a história do noivado quando ela começou a passar tempo em casa dele. Talvez... talvez se a usasse ali, pudesse diminuir a temperatura entre ela e Jack.

— Sim. É o meu noivo. O meu... o meu atual noivo.

A boca de Jack apertou-se numa linha sinistra.

— Onde é que ele está agora?

— Teve de sair do país durante algumas semanas.

— Enquanto um psicopata desfasado da realidade dispara na direção da sua cabeça. Parece um tipo excelente.

— Ele não queria ir — disse, defensiva. — O trabalho dele...

— Aconteceu mais alguma coisa para além de ter recebido estas fotografias? Alguém entrou em sua casa?

— Sim e... — Morgan engoliu em seco, depois suspirou. — Ele masturbou-se na minha cama. Foi aí que me assustei e deixei L.A.

As lágrimas repentinas queimaram-lhe os olhos, a face, surpreendendo-a. Achava-se mais controlada do que aquilo. As lágrimas não iam ajudar a resolver a situação. No entanto a realidade de tudo aquilo estava a abater-se com força sobre ela.

Jack sentou-se ao seu lado, num instante, qualquer indício de raiva desaparecido. Gentilmente puxou-a para trás e inclinou-se sobre ela, passando uma mão suave pelo seu rosto, limpando-lhe as lágrimas.

Morgan fitou o homem, a contradição. Ternura e compaixão vindas de um homem que a forcara a revelar a verdade, que despertava nela excitação com um simples toque no rosto? Um homem que atava as suas mulheres?

— Fez a coisa certa ao deixar L.A. e concordar em ficar aqui. Este tipo está obcecado e é perigoso, sem dúvida.

Envergonhada pelas lágrimas e demasiado consciente da proximidade de Jack, Morgan afastou o olhar.

— Odeio sentir medo e ter a minha vida virada de pernas para o ar. Quanto mais depressa resolvermos isto, melhor.

— Vou tratar de tudo — murmurou. — Quem sabia para onde iria depois de sair de L.A.?

Um franzir de sobrolho enrugou-lhe a testa enquanto se tentava recordar.

— O Reggie, o meu assistente de produção. Um vizinho meu que ficou a tomar conta do gato. A Sabrina, que trata da minha maquilhagem no programa. Não me lembro. Vim-me embora algo atordoada...

— O facto de um visitante indesejado ter batido uma em cima da sua cama deixaria qualquer pessoa desvairada.

Jack pegou-lhe na mão, prendendo-a entre as mãos fortes e calosas enquanto pairava sobre ela na luz sombria do luar. Caramba, ele era tão belo que magoava a vista. Maxilar forte, boca bem desenhada, uma barba de dois dias que tornava mais rude um rosto que, de outra forma, seria bonito. Ombros largos e musculosos no cimo de um tronco rijo e de um abdominal definido que faria com que qualquer mulher se babasse.

Morgan não se queria sentir atraída por ele, pela sua aura de poder, pelo seu toque. Não estava escrito que assim fosse. O olhar dele deslizou por ela, em parte reconfortante, em parte escaldante recordação. Céus, ela também não conseguia esquecer a respiração dele no seu pescoço, as mãos sentindo os seus seios, os dedos enterrados dentro dela, quase a levando ao orgasmo. A boca dele na sua.

Primeiro a sobrevivência, depois o prazer. Muito depois. E não com Jack.

Sim, ela queria um homem seguro de si, mas este... era demasiado. Era tudo o que a atraía, tudo o que não precisava de ter naquele ponto da sua vida. Não tinha nada que pensar nele. Jack possuía uma força letal, mal escondida por um controlo cuidadoso. O animal primitivo aguardava sob a superfície da pele, preso pelo seu autocontrolo e pelo seu ar de autoridade — e uma fina fachada de civilidade.

Uma mulher não lidava com um homem como Jack. Este tinha toda a sobrevivência de um cilindro e, se Morgan lhe desse a mais leve indicação de que o seu tipo de domínio a atraía, sabia que ele rolaria sobre o seu corpo praticamente inexperiente e a deixaria esmagada. *Não, obrigada.*

Agora só precisava que os seus pensamentos carregados de luxúria a acompanhassem. Jack era um contacto de trabalho e o homem que a estava a tentar proteger. A atração que sentia por ele tinha de acabar por ali. Estava concentrada em fazer avançar a sua carreira, não no desejo que lhe humedecia a vagina.

Contudo sabia o que Jack era e o que queria de uma mulher. A curiosidade podia ser quase tão poderosa quanto o desejo. E nenhuma das suas admoestações conseguia diminuir a excitação que corria pelo seu sangue.

Morgan inspirou fundo. Muito bem, ele podia dar-lhe prazer. Decerto muitos outros homens seriam capazes de fazer o mesmo, sem toda aquela coisa do domínio e do *bondage*. Sem a sensação assustadora de que ele seria capaz de controlar o corpo de uma mulher com pouco mais do que um olhar, uma palavra firme e um sorriso malandro. Era verdade que Morgan ainda não tinha conhecido um homem assim.

Suspirou perante a sua lógica circular. Naquele momento, tudo o que importava era que Jack a podia manter em segurança. Precisava tanto disso — uma garantia de que não ia acabar morta numa qualquer valeta, que escaparia ao pesadelo em que se tornara a sua vida, quase de um momento para o outro.

Jack apertou-lhe a mão.

— Depois de amanhecer, vou ligar a um amigo meu com contactos no FBI e ver se ele consegue começar a desenhar um perfil.

— Obrigada. — Esperava que Jack e o amigo conseguissem chegar rapidamente ao fundo da questão para que pudesse prosseguir com a sua vida e o seu programa.

— Porque não tenta voltar a dormir?

A tensão ergueu-se como areias movediças, ameaçando engoli-la.

— Estou farta de dormir. Estou demasiado preocupada. Demasiado elétrica.

Jack inclinou-se para ela e tocou uma madeixa do seu cabelo entre os dedos, franzindo o sobrolho. Virou para ela os olhos cor de chocolate. O ar

entre eles ficou tão carregado que Morgan nem sequer conseguia inspirar. O calor que irradiava dele aquecia-a até aos ossos. O cheiro dele abateu-se sobre ela com a força de um aríete — picante, suor, pântano e mistério absoluto.

Raios, sentia-se tão consciente dele enquanto homem!

— Tente. Tem de manter as forças. — Dirigiu-lhe um leve sorriso. — Nunca se sabe quando vai precisar delas.

Jack escapou da cabana, mergulhando no pântano, enquanto praguejava.

Quatro amantes, dois deles noivos, incluindo Brandon. Teria o maricas do senador falado alguma vez a Morgan sobre ele? Calculava que não.

No que dizia respeito a vingança, eram boas notícias. Morgan não fazia ideia de quem ele era.

E, durante toda a sua confissão, os seus olhos azuis tinham-no comido vivo, ferozmente. Raios, nunca ficara tão tenso só devido ao olhar de uma mulher.

Ainda queria o que lhe era devido, mas a vingança já não era tudo o que queria. A merda era que Morgan o excitava insuportavelmente. Estar na mesma divisão que ela e não tocar na seda pálida da sua pele ou provar a canela no seu beijo, a cremosidade almiscarada da sua vagina, estava a deixá-lo suficientemente teso para abrir buracos através do aço. Quase não conseguia conter a sua impaciência por ver negada a oportunidade de a algemar à cama e forçar a submeter-se. O desejo corroía-o, exigindo que agarrasse aqueles mamilos, belos e pálidos, e que brincasse com o seu clítoris até ela lhe suplicar que a possuísse com força. Ela empurrava-o quase para lá da sanidade. Estava morto por ver quão submissa ela era, por provar a sua força, enquanto enfiava o pénis bem fundo dentro dela, de tal forma que ela jamais o esqueceria.

Raios, tinha de recuperar o controlo. Sentir mais do que a necessidade de se vingar era uma estupidez.

Então porque é que sentia? A pergunta perseguia-o como uma canção irritante que não conseguisse tirar da cabeça. Nunca gostara particularmente de louras. Ou de mulheres baixas. Ou de mulheres já reclamadas por outro homem. Então porquê ela?

A voz determinada do avô ecoou dentro da sua cabeça. *Se andas a sonhar repetidamente com uma ruiva, estás prestes a conhecê-la e ela será a companheira do teu coração.* Sempre pensara que a “maldição” da família era um disparate, espalhado pelos tolos e românticos da sua família que acreditavam nela porque queriam.

Continuava a não fazer sentido. Continuava a não acreditar nela.

No entanto, não podia negar que nunca se sentira tão atraído por uma mulher.

Murmurando uma praga ainda pior que a anterior, contornou a casa pelo lado esquerdo e começou a percorrer o perímetro, o chão pantanoso mole sob as suas botas.

Seduziria Morgan, sem dúvida. Nem um cego deixaria escapar a curiosidade e o desejo que despertava nos seus olhos. Ele estava longe de ser cego. Contudo, também sentia que algo a refreava. Um afeto latente por Brandon? Ou o medo de ser dominada, apesar da sua curiosidade e da sua natureza submissa? Havia algo mais nas suas relações passadas do que admitia, em particular no que dizia respeito ao rompimento com o antigo produtor.

Os motivos por que negava o seu desejo de se submeter não importavam. Ele vencê-los-ia e teria Morgan atada, a aceitar faminta cada uma das suas ordens, arquejando enquanto ele afundava o pénis na sua boca, na sua vulva, no seu rabo. Dar-lhe-ia coisas com que o certinho Brandon Ross jamais sonharia.

Seria isso suficiente para que, no fim, ela deixasse Brandon?

Jack fez uma pausa junto à janela do quarto e olhou para o seu interior. Vazio. Morgan não estava na cama nem em qualquer outra parte do quarto. Raios, tinha desafiado o seu conselho para que descansasse. Não restavam dúvidas de que precisava de um homem forte, que lhe aquecesse o traseiro e mantivesse na linha.

Sentiu cócegas na palma da mão ao pensar nisso, mas afastou a ideia tentadora. Depois dos últimos trinta minutos — raios, das últimas horas a vê-la dormir —, a sua pila inchada começava a perceber que não ia ter sorte. Estava agradecido por uma oportunidade para não ter a maior parte do sangue do seu corpo tão longe do cérebro.

De facto, precisava de lhe arranjar outras roupas. De preferência de flanela e três tamanhos acima do dela. Se tivesse de a ver a passear de um lado para o outro naquelas roupas de cabedal justas e nas botas de salto agulha, ficaria demasiado distraído pelo desejo de a comer para a conseguir proteger caso acontecesse o pior. O sexo ia acontecer, recordou a si mesmo, mas não agora. Não enquanto não tivesse a certeza de que ela estava a salvo. Não enquanto não ganhasse um pouco mais da sua confiança e não percebesse como provocá-la.

Precisava de tudo isso se queria que ela se rendesse por completo. Continuou a andar, soltando o telemóvel do cinto e ligando para Brice. Pediria ao avô que arranjasse algumas coisas. Mas, depois do sexto toque, desligou praguejando. O mais certo era que o velho estivesse a tomar café com os “rapazes” no café local, a tocar *Bourée* e a resolver os males do mundo. Era

uma pena que não conseguisse convencer Brice a comprar um atendedor automático ou um telemóvel. Ligaria mais tarde... mas isso significava ter de esperar mais algum tempo para cobrir as formas tentadoras de Morgan.

Nas traseiras da casa, Jack parou, escutando os sons do *bayou*, observando os crocodilos que se agitavam nas águas e desapareciam sob a superfície turva. As cigarras cantavam as últimas canções da noite, enquanto a madrugada se aproximava. Mesmo no frio de fevereiro, o ar húmido agarrava-se a tudo.

Aquele local sempre representara uma paz para ele. Não naquele dia. Nos poucos meses desde que Brice lhe entregara a casa, fizera algumas modificações e melhoramentos — tornara-a verdadeiramente sua. Era o mais parecido com um lar que tinha. Raramente levava ali alguém. Queria fazê-lo... mas, no fim, acabara por esconder aquele local de todas as suas submissas e de todos os seus amigos, exceto os mais próximos. Então porque levava Morgan para lá tão prontamente?

Sem procurar demasiado por uma resposta, Jack espreitou para o equipamento de vídeo bem escondido pelas árvores e pelas vigas. Parecia bem, funcional, vigiando a área atrás da casa. Depois prosseguiu caminho, arrastando-se em redor da pequena casa.

Uma luz dourada e tremeluzente emanava da pequena janela no meio da parede. Morgan estava na casa de banho e tinha encontrado as velas. O que não tinha feito fora fechar completamente as persianas. Tentara, mas uma estava partida e não cobria toda a janela.

Avançando silenciosamente, Jack espreitou para o interior, fitando a casa de banho estreita. O vapor erguia-se da banheira de pés com garras. Ao seu lado, Morgan colocou a mão sob a água que jorrava. Aparentemente satisfeita com a temperatura, colocou a tampa na banheira, recuando em seguida.

Pousou as mãos no primeiro botão do corpete de cabedal de Alyssa. Com um movimento do polegar, o botão abriu-se. Seguiu-se um segundo. Os limites macios e redondos do seu decote e um vislumbre do soutien preto que ele não esquecera espreitaram para o atormentar.

O suor começou a correr pelo peito e pelas costas de Jack. A pila, que tinha acabado de colocar sob controlo, ergueu-se rapidamente em todo o seu comprimento, saudando a vista.

Contudo, a vista melhorou ainda mais. Um terceiro botão, perto do umbigo, libertou-se da sua casa. Quando o quarto e último desapareceu, o mesmo aconteceu à capacidade de Jack em respirar.

Morgan tirou o corpete e pousou-o sobre o móvel da casa de banho. Jack colou os olhos ao tronco esguio e aos seios altos e redondos, enquanto ela levava as mãos atrás das costas para abrir a minissaia justa.

Com um movimento sedutor, uma oscilação sensual, fez deslizar a saia ao longo da doce curva das suas ancas e das coxas firmes.

Quando se voltou a erguer e pousou a saia, as únicas coisas que o impediam de observar por inteiro a pálida tentação do corpo dela era um soutien de renda, que nada fazia para esconder os mamilos hirtos, e uma tanga minúscula.

Raios, seria possível ter um ataque cardíaco aos trinta e um?

Devia afastar-se. Concentrar-se na vigilância, até ter a certeza que ela estava segura. Abandonar aquela obsessão com uma mulher que planeava comer uma vez... só para que Brandon pudesse compreender a dor e a raiva que um homem sentia quando sabia que a sua mulher se tinha rendido, por vontade própria, a um outro pénis teso.

No entanto, virar as costas a Morgan era mais fácil de dizer do que de fazer. Naquele momento, não conseguia encontrar a força de vontade para o tentar.

Com a respiração entrecortada, observou enquanto ela levava as mãos atrás das costas para abrir o soutien. O movimento empurrou para a frente os seios, acentuando a sua forma redonda e firme, bem como aqueles belos mamilos que ele tanto desejava sugar para a sua boca.

Um momento mais tarde, tornaram-se visíveis. Cheios, macios, rosados e inchados, chamavam por ele como pedaços de céu sob a bela palidez dos seus seios, que tremeluziam sobre a luz dourada e dançante das velas. Jack agarrou o parapeito do lado de fora da janela e suspirou, roucamente.

Como raios conseguiria impedir-se de a comer até se perderem no vazio, nos próximos dez minutos?

Antes que pudesse responder a essa questão, ela deslizou a pequena tanga preta e atirou-a para o lado, revelando o último dos seus segredos. E caramba, era um assombro.

O pequeno tufo de pelos que cobria a vulva de Morgan era vermelho-vivo.

Agora Jack sabia como se sentia um touro quando agitavam algo vermelho à frente do seu focinho: em chamas, pronto para atacar.

Toro!

Pousou as mãos na parede exterior da cabana para se equilibrar, enquanto Morgan entrava na banheira e se afundava na água fumegante, de olhos fechados.

Raios, tinha de parar de a espiar como um qualquer psicopata falhado incapaz de persuadir uma mulher a despir-se para ele. E pararia... assim que ela parasse de atirar água por cima dos ombros, dos seios. A água escorria pela sua pele cremosa, correndo em riachos que pingavam dos mamilos suculentos. Como gostaria de os lambar com a sua língua.

O Sol erguia-se no horizonte, atrás de Jack, fazendo com que se tornasse difícil ver para o interior da casa de banho. Tratava-se, provavelmente, de um sinal, de que deveria ser nobre e parar de agir como um *voyeur*.

Morgan deslizou o polegar por um dos mamilos duros e os lábios afastaram-se num arquejo silencioso.

Que se foda a nobreza.

Jack aproximou-se ainda mais da janela para melhorar a sua visão.

Os mamilos dela respondiam à humidade e ao ar frio, erguendo-se ainda mais, tornando-se um pouco mais escuros. Ela encostou-se à banheira e suspirou.

Depois ergueu as mãos da água — para envolver os seios. Um momento mais tarde, Morgan espantou-o ao arrastar os polegares sobre os mamilos rígidos, de forma deliberada e gemeu.

Uma nova golfada de sangue correu para sul aumentando ainda mais o seu pénis. Céus, ia enlouquecer. Ele, que não conhecia qualquer caso de doenças mentais na família, ia ficar completamente louco antes de Morgan acabar de tomar banho.

Jack susteve a respiração, enquanto ela beliscava os mamilos exuberantes, rolando-os entre o polegar e os dedos, puxando-os com mais força do que ele teria imaginado. Primeiro um, depois o outro, por fim em conjunto, ela trabalhou-os com os dedos pequenos. Lançou a cabeça para trás, o pescoço arqueado, os lábios húmidos afastados. Parecia uma deusa sensual, a derradeira queca.

Nesse momento, sentia-se capaz de entrar pela casa adentro, arrancar o seu corpo molhado e nu da água e mergulhar nela o pénis duro como aço. Mas estava demasiado desejoso de saber o que ela ia fazer a seguir.

Enquanto os mamilos escureciam e inchavam sob o seu toque, ela afundou-se ainda mais na banheira, até só os picos gémeos dos seus seios se erguerem da água, húmidos e tentadores. Ela ergueu a perna direita e pousou o calcanhar na beira da banheira, depois dobrou o joelho esquerdo e afastou as pernas.

Jack não conseguia ver a vulva de Morgan debaixo de água, mas obtinha um ocasional vislumbre dos seus pelos ruivos. Contudo a sua imaginação preenchia as lacunas. Os caracóis cor de fogo protegiam a carne rosada e entumescida, húmida, latejante e pronta.

Se ela lhe pertencesse, mantê-la-ia assim — nua e quente. Sempre molhada. Passaria manhãs inteiras a lambar os seus mamilos. Enquanto ela comia o pequeno-almoço, ele comê-la-ia a ela. Tomariam banho com a boca dela em redor do seu pénis, tomando-o profundamente, até ao fundo da garganta. E depois as coisas tornar-se-iam mais sérias, ele levá-la-ia aos limites do seu corpo, da sua confiança. Não deixaria parte alguma dela into-

cada. Não haveria nada que ele não fizesse com ela, a ela, para a ouvir gritar, a garganta rouca de prazer.

Morgan arrancou-o aos seus sonhos, quando deslizou a mão do seio, ao longo do abdómen, para o meio das pernas.

Começou a acariciar-se.

Oh, merda... Se não tivesse perdido o juízo, este irromperia em chamas naquele momento — tal como o corpo.

Ajeitou o pénis dorido dentro das calças de ganga e aproximou-se da janela até o seu rosto estar quase colado ao vidro. De olhos fechados, Morgan traçava círculos lentos com a mão entre as pernas, enquanto a outra continuava a apertar os mamilos, mantendo-os duros e prontos.

Em breve, os círculos lentos dos seus dedos ganhavam velocidade. A água agitava-se na banheira, molhando as pontas do seu cabelo sedoso, que pendia, selvagem, em redor dos seus ombros. As ancas começaram a erguer-se de encontro aos dedos. Jack obtinha vislumbres eletrificantes de vermelho, juntamente com a sua carne macia e aberta. Os seus lábios, agora de um vermelho profundo, abriam-se num arquejo silencioso. Ela fechou os olhos com força. Jack aproximou-se ainda mais da janela, para conseguir ver ainda melhor, agarrando o parapeito com tanta força que os nós dos dedos empalideceram, a sua própria respiração rápida criando círculos de calor húmido contra o vidro.

Depois as pernas dela ficaram rígidas, as costas arquearam-se. Ela mordeu o lábio para prender um grito enquanto um orgasmo a varria numa longa torrente de sensações trémulas. Morgan esfregou furiosamente o clítoris, prolongando o prazer, prolongando o inferno de Jack.

Continuou a arquejar, a provocar, a esfregar-se contra a mão, procurando o orgasmo seguinte. Instantes depois este chegou, caindo sobre ela como uma torrente irresistível. Morgan gritou incapaz de suste o som. Contudo, o prazer desesperado na sua voz apunhalou Jack com um novo raio de desejo.

Deus a ajudasse. Deus os ajudasse a ambos. Não havia poder suficiente sobre a terra para o manter afastado do corpo dela. Que se lixassem os seus planos. Que se lixassem as consequências.

Ele ia comê-la. Imediatamente.

Quando Morgan atingiu o pináculo do seu clímax, arqueada e corada, os seus olhos abriram-se de repente.

O olhar dela encontrou o dele.

Capítulo Cinco

Oh, meu Deus!
Morgan saltou da banheira, agarrou na toalha com mãos trémulas e enrolou-se nela, cobrindo tanto de si quanto lhe era possível. Ele vira-a... e tudo o que ela fizera!

Virou-se de novo para a janela, desejando garantir a si mesma que Jack tivera a decência de partir e lhe conceder alguma privacidade, agora que ela o apanhara a ser um *voyeur*. No entanto, Jack continuava no mesmo sítio, sem pestanejar, sem camisa, o peito enorme subindo e descendo com a respiração rouca, fortemente controlada. Pior, fitava-a com um olhar escaldante e predatório. Absolutamente sexual. Sem pingo de arrependimento. Aquele olhar dizia a Morgan que ela o excitava. Ele desejava-a. Ele pretendia possuí-la. Ponto final.

A ânsia entre as coxas, que ela tentara esmagar, regressou à vida, palpitante. Morgan fechou os olhos com força, lutando contra o charco de sensações que redemoinhavam dentro dela. O desejo e a raiva galopavam no seu estômago. Corriam taco a taco, a vergonha ocupando um próximo terceiro lugar.

Contudo, em cima da linha da meta, a fúria ganhou.

Maldito! Jack podia ter-lhe salvado a vida, mas isso não lhe dava o direito de invadir a sua privacidade, de observar... o que ela fazia sozinha — e de se excitar ao fazê-lo. Arrogante. Rude! Mesmo como um homem.

O famoso temperamento O'Malley, de que a sua mãe sempre lhe falara, erguia-se, quente e veloz, dentro dela, sobrepondo-se furiosamente à compostura e à calma.

Lançando-lhe um olhar venenoso através da janela, Morgan girou sobre si mesma e saiu da pequena casa de banho, depois percorreu o corredor até à zona da sala/cozinha. Avançou, furiosa, na direção da porta da frente.

Antes que lá pudesse chegar, a porta abriu-se. Jack entrou, feroz e silencioso. E tão tenso que, provavelmente, até as facas saltariam sobre a pele. Fechou a porta atrás de si com um ligeiro estalo que quase se perdeu sob as pancadas fortes dos pés molhados de Morgan sobre o chão de madeira brilhante.

— Seu filho da mãe! — gritou ela, avançando para ele até não se encontrarem a mais de trinta centímetros um do outro. — Como se atreve? Achou que eu não repararia, nem me importaria? Ou talvez pensasse...

— Basta. — Ele não ergueu a voz, mas ainda assim esta estalou como a mordedura de um chicote.

— Vá para...

— Morgan — avisou Jack, de maxilar cerrado.

Ela sobressaltou-se, agarrando a toalha à sua volta, o peito subindo e descendo com a raiva. A voz dele enchera a sala. A ordem ardia-lhe nos olhos. *Ele* estava zangado com *ela*? Inacreditável.

Antes que lhe pudesse dizer para ir dar uma volta, ele falou.

— Não tinha o direito de a observar, *chère*. Saí para verificar a segurança do perímetro. Deixou parte das portadas abertas e eu não consegui afastar o olhar. Desculpe.

Um pedido de desculpas? Mais nada? Não ia argumentar, não se ia defender?

A fúria que sentia dissipou-se — muito mais depressa do que desejara. Era difícil continuar a espumar de raiva com alguém que se desculpara, raios. E era ainda mais difícil ficar zangada com um homem que ficara hipnotizado por gostar de olhar para ela.

No entanto ela era uma O'Malley e não estava, de todo, pronta para abandonar a luta.

— Não tinha o direito! Estou... estou completamente envergonhada.

Ele aproximou-se mais.

— Em relação ao seu corpo? Ao facto de ser uma mulher com necessidades?

— Por ter sido observada! Nem acredito que se deixou ficar aí e me observou como se eu fosse a estrela de um qualquer espetáculo de sexo à borla.

— Não é um bom comportamento para um anfitrião, concordo. Não é um hábito meu. — Os seus olhos cintilavam com a verdade... e com um desejo que não desaparecia. — No entanto, Morgan, admita uma coisa: saber que a estive a observar, que não conseguia afastar o olhar, excitou-a.

— Não. — Ela recusou-se a dar-lhe tal satisfação, apesar de estar consciente de que a humidade corria entre as suas pernas perante aquelas palavras.

— Esses picantes olhos azuis dizem que sim, *chère*.

— Está a precisar de óculos. Achava que eu não me ia importar com o facto de ter transformado o meu banho num *peepshow*? Achava que eu ia dizer: “Claro, sei que só nos conhecemos ontem, mas sinta-se à vontade para espiar os momentos mais íntimos da minha vida”?

— Fiquei simplesmente consciente de como estava bela. — Jack inclinou-se sobre ela. — Se fosse minha, não teria qualquer necessidade de dar prazer a si mesma, *chère*. — Dirigiu-lhe um sorriso de esguelha. — Claro que adoraria vê-la a acariciar-se, de vez em quando, só pelo prazer de olhar.

Arriscando um olhar de relance, ela não pôde deixar de reparar nos contornos da rígida ereção que forçava a frente das calças de ganga. Morgan sentiu a pele do rosto a aquecer e aquela ânsia que a apertava entre as pernas, outra vez. *Não!* Precisava da sua raiva, bem batida numa fúria espumosa.

Em vez disso, sentia-se demasiado consciente da proximidade dele. Do facto de ele estar meio despido, ao passo que ela mal estava tapada. Era um território perigoso, em especial com Jack a olhar para ela com aquela escura chama de desejo a arder-lhe nos olhos. Em especial com o corpo dela a aquecer em resposta.

Morgan recuou um passo.

— Fique onde está.

As palavras baixas, carregadas de autoridade, ressoaram através dela. Morgan hesitou, a mente acelerada. Não queria ter de ouvir, não queria ter de ficar à frente dele, quase nua, e seguir as suas ordens. De facto, era muito melhor se não o fizesse...

— Morda aqui. Não tenho dois anos nem sou um robô — atirou-lhe, voltando a recuar.

Jack estendeu a mão para ela.

Foge!, ordenou a si mesma. Em vez disso, ele envolveu-lhe o pulso com um aperto suave, mas ela sentiu a determinação férrea subjacente. E o calor.

— *Fique onde está.*

Por uma qualquer razão, algo na voz dele... Morgan não conseguiu não lhe dar ouvidos.

Talvez se devesse ao facto de Jack personificar todos os pecados que ela alguma vez desejara experimentar, pelos quais se masturbara na escuridão da sua cama vazia, apenas para ver a frustração a diminuir a sua satisfação quando tomava consciência de que nada daquilo era real.

Ele libertou-a lentamente e começou a contorná-la com passos lentos, tocando-lhe ao de leve no ombro com a ponta dos dedos, ao passar. Os batimentos cardíacos dela aceleraram. Os braços arrepiaram-se. Nem sequer

queria pensar no que lhe estava a acontecer aos mamilos nem o quanto lhe doíam.

Jack parou atrás dela. A sua respiração quente deslizava pela zona sensível entre o pescoço e os ombros. O seu calor irradiava sobre as costas e as pernas dela. Morgan sugou a respiração. Céus, ele estava perto. Demasiado perto para ser ignorado. Demasiado perto para poder negar o efeito que tinha sobre ela.

A ânsia entre as coxas ergueu-se a novas alturas, como se ela não se tivesse tocado até atingir o clímax há poucos minutos.

Dirigiu um cuidadoso olhar de relance sobre o ombro. Jack estava ali mesmo, à espera, como se soubesse o que ela ia fazer. Os seus olhares cruzaram-se, o dele cheio de fogo e autoridade. Ele pairava a poucos centímetros, alto e forte.

Ele ia tocar-lhe.

Uma descarga elétrica correu através dela, ao mesmo tempo que chamava a si própria todo o tipo de nomes. Arrancou o seu olhar ao dele e voltou a fitar a porta da frente, apertando a toalha contra o corpo. Ele não disse nada, mas Morgan sentia os seus olhos fixos nela, observando a sua pele ainda molhada, a sua respiração acelerada e reveladora.

E agora? A situação passara de um sermão para uma observação em menos de dois minutos. Se não queria que ele fizesse mais nada, tinha de se afastar imediatamente.

— Diga-me porque precisava daquele orgasmo — murmurou Jack ao seu ouvido.

Não lho podia dizer. Tal serviria apenas para confirmar o que ele já devia saber: que uma parte dela, desviante e descontrolada, o desejava, sentia mais do que uma curiosidade jornalística em relação ao que ele lhe podia oferecer.

— Não tem nada a ver com isso, Jack.

— Não me chame isso, não quando estamos sós.

Ele queria que ela o tratasse por “senhor”. Estremecendo, Morgan ficou imóvel, os pensamentos e o coração acelerados entre a incerteza e a excitação do desconhecido. Ela sentia-se... reclamada pelas palavras de Jack. Os seus comandos férreos tocavam em algo dentro de si e despoletavam uma torrente de desejo.

Como seria entregar-se? Render-se àquela voz?

Perigoso. Mau. Ceder a tudo o que Jack representava e tudo o que ela não devia querer. Se o fizesse, limitar-se-ia a abrir um novo caminho para o inferno.

— Então, que tal idiota? Seria adequado. — Desenterrou a sua coragem e virou-se para olhar para ele. — Não me tente intimidar.

Morgan ficou à espera da resposta irada, de uma ordem rosnada, carregada de frustração. Nada.

Em vez disso, ele deslizou para ainda mais perto, até nada mais que um sussurro a separar do calor ardente do corpo dele.

— Não tem qualquer razão para sentir vergonha dos seus desejos.

— Não sinto. Chame-me reprimida, mas fico envergonhada com o facto de ter audiência durante o orgasmo — gritou-lhe.

— Isso não é verdade — disse ele, baixinho.

Engolindo em seco, Morgan tentou afastar os olhos do seu olhar sexual, conhecedor. O cheiro dele assaltou-a, repleto de masculinidade e mistério, tão picante como a comida cajun e tão difícil de sondar quanto o próprio pântano.

Ela recuou ligeiramente.

— Acha que me conhece?

— Sei coisas sobre si. Sei que se sente desconfortável em relação à sua sexualidade. Tem desejos que nem sequer gosta de admitir. Vejo-os todos nos seus olhos. Uma ânsia de ser atada e dominada. . .

— Não vê coisa nenhuma! Eu *não* sou depravada.

— Não, não é. Qualquer um que o pense é um idiota.

Jack tentou de novo agarrá-la, a determinação visível nos ângulos masculinos e ferozes do seu rosto forte. Ela não queria saber exatamente o que ele estava determinado a fazer-lhe. O pânico aumentou e ela bateu-lhe na mão e saltou para fora do seu alcance. As suas costas bateram contra a porta.

E Jack continuou a avançar na sua direção com passos suaves e lentos. O avançar de um caçador. Ela tinha de fugir. Tinha mesmo. Imediatamente.

Morgan lançou-se para a esquerda para escapar. Ele bloqueou-lhe o caminho com um braço forte, depois apoiou-se na parede, eliminando aquela escapatória. Usou a mesma tática do lado direito, antes que ela conseguisse fazer qualquer movimento nessa direção.

Depois Jack inclinou-se para ela, pousando uma mão na porta, mesmo ao lado da sua cabeça. Morgan não podia olhar para ele, recusava-se a fazê-lo. Como que para lhe chamar a atenção, o corpo dele roçou no seu, detonando centelhas implacáveis de desejo que arderam através do seu corpo. Ainda que breve, aquele contacto fora suficiente para a incendiar como um foguete.

— Olhe para mim. — Ele afastou-se, deixando algum espaço entre ambos.

Havia algo dentro dela que queria obedecer. Aquela voz suave e rica, com um toque de musicalidade francesa e uma autoridade explícita, puxava por ela. A ideia de se render fazia com que o estômago ficasse tenso de

ansiedade... e com que o desejo lhe mordesse o clitóris. Aquele homem era uma contradição gigantesca. Um protetor agressivo. Um homem que atava as mulheres mas que fazia o que podia para a manter em segurança.

Aquilo deixava-a confusa. *Ele* deixava-a confusa.

Por fim, ergueu o seu olhar tempestuoso para o dele.

— Que diabo quer de mim?

— Honestidade.

— Não, não quer. Quer que eu ceda, que abra as pernas como uma cabeça de vento sem coragem e lhe dê... o que quer que seja que você queira.

Um meio sorriso ergueu um dos lados da boca dele.

— Está meio certa. Quero que ceda, *chère*. Quero que abra as pernas quando lhe digo que o faça. Não porque não tem coragem, mas porque a tem. — Ele aproximou-se mais, roçando com o corpo no dela, qualquer indício de um sorriso desaparecido. — Quero que arda por mim. Quero todo o seu fogo, a sua independência e a sua sensualidade debaixo de mim. Quero mostrar-lhe o que deseja secretamente e tenta não desejar... e quão bom isso pode ser.

Morgan engoliu em seco, depois abriu a boca para falar. Que resposta haveria de dar àquilo? O que devia uma mulher dizer a um homem que lhe tentava oferecer todas as fantasias sexuais que alguma vez negara?

— Penso que não...

— Pensa demasiado. Pensa em todas as razões por que não devia. Em todas as razões por que a assusto. Experimente pensar em todas as formas como lhe poderia dar prazer.

Oh, ela já pensara nisso!

Uma das mãos dele afastou-se da porta. Jack tocou ao de leve com a parte de trás dos dedos no pescoço dela, na clavícula... e continuou a descer. Acariciou a curva do seio, coberta pelo turco da toalha, depois deslizou sobre o mamilo ereto que implorava pelo seu toque.

Mesmo através da toalha, ela sentiu aquele toque até à ponta dos dedos. Um arrepio escaldante crepitou nas suas entranhas, como bacon em óleo quente. Ela arquejou, sentindo o olhar fixo nos olhos escuros dele.

Ele repetiu o processo outra vez, depois mais uma vez. O prazer assaltava Morgan a partir das pontas dos mamilos tensos, correndo através do corpo retesado, diretamente para a sua vagina. Ela encostou a cabeça à porta, incapaz de suster um gemido.

— Isso mesmo. — Os lábios suaves de Jack deslizaram pela garganta dela, ao mesmo tempo que ele se aproximava mais. A outra mão juntou-se à primeira naquele suave tormento aos seus mamilos, apenas com a toalha de permeio.

— Quero ver esses belos mamilos. Preciso de os ter na minha boca, *chère*. Largue a toalha.

O desejo borbulhou dentro dela, fervendo violentamente, ao mesmo tempo que o seu último resquício de sanidade gritava algures dentro da sua cabeça. A recordação do toque dele no clube de *strip* e do prazer eletrificante com que a enchera ainda a assombravam. As memórias ainda frescas, juntamente com a força daquela ordem, fizeram vacilar o seu autocontrolo.

De todos os homens que podia desejar, porquê ele? De todas as alturas, naquela em que estava a ser perseguida por um assediador maluco, porque tinha de o desejar naquele momento?

Bem, talvez fosse porque Jack era a personificação de todas as fantasias noturnas que algum dia a mantiveram acordada. Talvez fosse pelo facto de ele ter baixado a mão daquela zona da toalha e a deslizasse pela sua barriga, pela curva da anca, movendo-se de forma a encostar a ela uma ereção impressionante. Era um facto que ele e toda aquela testosterona... afastavam a sua mente da existência de um assediador louco.

A mãe dela sempre dissera: *Fazemos as nossas escolhas e vivemos com elas*. Seria ela capaz de viver consigo mesma se recusasse a atração proibida de Jack Cole sem a provar?

Ele curvou a mão sobre a elevação do seu traseiro e começou a descer — os dedos brincando levemente com o espaço entre as nádegas. Uma nova torrente de arrepios inundou-a. Inteligente, pensou ela. Se arqueasse as costas perante o seu toque, ele ficava com uma mão cheia das suas nádegas. Se tentasse desviar-se, encostar-se-ia ainda mais à sua ereção. Como poderia ele perder?

Como poderias tu?, incitava uma vozinha dentro da cabeça dela.

No instante seguinte, os dedos dele voltaram a tocar na fenda entre as nádegas, desta feita com um pouco mais de força, indo um pouco mais fundo. Um arrepio escuro subiu-lhe pela espinha. Sem pensar, arquejou e arqueou o corpo contra a mão dele.

— Linda menina — murmurou-lhe ao ouvido, lançando os arrepios em sentido contrário.

O polegar dele brincava com o mamilo dela, agora tão rijo que ela conseguia sentir cada toque da pele, cada calo. Morgan gemeu mais uma vez.

— *Chère*, tire a toalha. *Montre-moi votre joli corps*. — A respiração dele era rouca e veloz, a voz tensa mas ainda controlada. — Mostre-me o seu belo corpo.

— Já o viu, mirone.

— Mostre-me — rosnou ele.

Oh, céus! A autoridade na voz dele transformou a ânsia entre as suas pernas num latejar. Ela queria obedecer... tanto. Um crepitar correu atra-

vés dela. O sangue corria por todo o lado, intumescendo-lhe o clítoris. Já molhada do orgasmo, sentiu a humidade a acumular-se nos mais íntimos recessos do seu corpo, ameaçando transbordar. O cheiro picante, terroso de Jack estava a afastar o seu pensamento racional. As partes do seu corpo que ansiavam pelo toque de Jack tinham assumido o controlo.

Qual é a pior coisa que pode acontecer se cederes?, perguntava-lhe uma voz dentro da cabeça.

Mais decepção e frustração. Mais rejeição e ridículo.

Por outro lado, precisava de experimentar cerca de uma dúzia de sapatos para encontrar o mais adequado. Passar-se-ia o mesmo com os amantes? Talvez três não tivessem sido o suficiente.

A confusão agitava-lhe a mente.

— Jack — conseguiu murmurar por entre os seus toques perversos. — Falo sobre sexo para ganhar a vida. Não preciso de o praticar para fazer o programa.

— Esqueça o programa. Precisa do que lhe posso dar. Pare de se negar a si mesma.

— Não estou a negar nada a mim mesma. — *Idiota!* Morgan mordeu o lábio, certa de que o rosto rosado e os mamilos duros faziam das suas palavras uma mentira óbvia.

Jack agarrou o maxilar dela com uma mão.

— Se me voltar a mentir, dou-lhe uma tal tarefa que não se conseguirá sentar durante uma semana. Diga-me porque está a resistir ao que quer.

— Não me toque. — Morgan tentou libertar-se do toque dele.

Jack manteve-se firme.

— *Chère*, vou fazer mais do que tocar-lhe. Muito mais. E quanto mais tempo demorar a responder-me, mais a vou obrigar a implorar.

Oh, céus! As palavras dele foram suficientes para deixar Morgan a ferver enquanto avaliava a autoridade implacável dos olhos dele e os seus próprios receios. Ele podia fazê-lo; podia fazer com que ela suplicasse. E aquele pensamento lançou-lhe um arrepio pela espinha.

— Ótimo. Se quer saber, não sou uma *femme fatale*. Não respondo muito ao sexo.

O encanto cajun suavizou a arrogância insistente com um mero movimento dos seus lábios inspiradores de pecado. Depositou beijos quentes no pescoço dela, mordiscou-lhe a curva do ombro.

— Respondeu muito bem a tudo o que lhe fiz em Lafayette.

Surpresa. Fora apenas isso. Morgan ficara demasiado chocada para reagir verdadeiramente. Desejar, depois ceder à pressão das dúvidas. Fechara-se, tensa e frustrada, até o seu corpo ter desistido. Além disso, ela podia estar curiosa em relação ao... estilo de vida de Jack, mas participar exigia

um envolvimento muito maior do que o simples espanto. E tinha a péssima sensação de que provar Jack Cole seria tão viciante como a heroína para um drogado.

— Nem sequer nos conhecemos realmente.

As pontas dos dedos de Jack deslizaram pelo ombro dela, não deixando nada mais que antecipação e pele de galinha atrás dele.

— Conheço-a o suficiente para a fazer gritar. Mas não é isso que a está a impedir.

Ele beijou-lhe o pescoço, a linha do maxilar, aproximando-se da boca. Ela derreteu-se sob os seus lábios. Céus, sabia bem. E o cheiro dele... Conteria algum ingrediente que fosse como Kryptonite para a sua contenção?

— Não gostamos muito um do outro — realçou ela, num arquejo desesperado, fugindo de um beijo... um beijo que ela queria tanto, o estômago apertado pelo desejo.

Uma vez mais, Jack sorriu, um vislumbre dos dentes brancos visível na sala banhada pela luz da madrugada.

— Estou a gostar bastante de si neste momento, *chère*. Gostei de si da primeira vez que falámos *online*. Acho que é inteligente, corajosa e terrivelmente sensual.

Aquelas palavras tinham sido sussurradas contra a sua boca e Morgan sentiu a sua determinação a esboroar-se. Em Lafayette, Jack tinha tocado os seus seios, massajado o seu clítoris, acariciado o interior da sua vulva, sim. Mas o beijo dele permanecera, assombrava-a. Como o vinho mais suave, envolto em pecado e veludo, com um coice de luxúria que prometia prazer. O beijo dele era uma antevisão da sua força e do seu autocontrolo. Quase contra a sua vontade, Morgan inclinou-se na direção dele.

Durante um momento enlouquecedor, Morgan achou que ele se ia afastar. Que a ia provocar, incendiá-la com o que poderia ser. Em vez disso, ele agarrou nos lados do seu rosto e manteve o olhar dela preso nos seus olhos escuros.

— A recordação de a ter nos meus braços... manteve-me duro toda a noite. Vê-la dormir foi uma tortura. Não parava de pensar em deitar-me ao seu lado, na cama, tirar-lhe as roupas e devorar tudo o que estava por baixo. Quero deitar-lhe as mãos, *chère*. Pousar em si a minha boca. Penetrá-la, profundamente e com determinação. Quero que grite o meu nome quando se vier.

Morgan não era capaz de respirar. O impacto de todas aquelas palavras fez mais do que aumentar a sua libido; atingiram o seu corpo como golpes, cada sílaba atingindo a sua determinação com uma intensidade ardente. Ele roubava-lhe o ar, a força de vontade para resistir. Como seria senti-lo? Qual seria o seu gosto? Aquele desejo terrível cobriu-lhe o clítoris de neces-

sidade. Mal conseguiu conter um gemido tal a necessidade de se vir uma vez mais. E ele mal lhe tocara.

O que aconteceria se lhe desse rédea solta? Como seria libertar-se e entregar-se a alguém com aquela mestria, só por uma vez?

Exalou num suspiro rouco. A excitação ardia como um fogo florestal sob um vento forte, queimando-a de dentro para fora. Prestes a descontrolar-se.

A humidade ameaçou escorrer por entre as suas pernas. Ela lambeu os lábios secos mas, quando o olhar dele seguiu o movimento, a sua temperatura aumentou ainda mais.

— Vai pousar em mim essa bela língua cor-de-rosa, *chère*? Enquanto a via a dormir, imaginei-a de joelhos, o meu pénis na sua boca pequena e deliciosa.

Morgan não sabia nada sobre sexo oral por experiência própria. Ler e falar sobre o tema para preparar o seu programa não compensava esse facto. Naquele momento, com a montanha de homem que era Jack à sua frente, encostado a ela, isso parecia irrelevante. Jack instigava nela um impulso para provar tudo o que era perverso, incluindo o seu pénis.

— Ah, acho que gosta da ideia — murmurou ele, a respiração acariciando os lábios trémulos. — Esses olhos azuis estão a ficar mais escuros. Pergunto-me de que mais gostará? Sei que gosta disto...

Como tinha feito antes, Jack tocou-lhe nos mamilos, agora dolorosamente duros, através da toalha, com movimentos dos nós e das pontas dos dedos. Ela arquejou e não conseguiu impedir o seu corpo de se arquear na direção dele e procurar um fim para o tormento erótico do seu toque.

— Mamilos sensíveis. Vou gostar de os chupar até os sentir a crescer contra a minha língua.

Gostaria? A sugestão deixou-a fraca de prazer.

— Não presuma nada. Eu ainda não disse que sim — realçou ela tentando agarrar-se à sua sanidade. Contudo, a rouquidão da sua voz transformava o seu protesto numa piada.

Não, não, não! Jack podia ser inacreditavelmente — insuportavelmente — excitante, mas no dia seguinte... quão confusas estariam a sua cabeça e a sua vida se ela cedesse? O facto de estar a ser perseguida não era suficiente? Ela concordara em encontrar-se com ele para preparar uma entrevista no *Turn Me On*, não para encontrar um dominante em busca de um brincado.

— O seu corpo di-lo por si, *chère*. A respiração entrecortada. A pulsação martelada. Os seus mamilos estão duros como diamantes.

De súbito, ele voltou a encontrar a dobra da toalha, sobre o abdómen, abriu as metades do turco e pousou a palma da mão quente sobre a sua pele. Ele estava tão quente que a sobressaltou. Picou. Ela saltou... para mais

perto dele. Os peitos de ambos tocavam-se. A boca dele estava a um mero sussurro da dela, quando ele lhe deslizou a mão sobre a anca, ao longo da barriga — depois começou a descer.

— Vai dizer que não, *chère*?

Morgan hesitou. Se fosse esperta, gritaria “não”, agora mesmo. Libertar-se-ia dele, regressaria àquela banheira com pés adornados com garras, enchê-la-ia de água fria e mergulharia nela. No entanto os dedos dele desenhavam espirais e círculos através da barriga dela, sobre as suas coxas, aproximando-se o suficiente da zona entre as suas pernas para a excitar.

Ela apertou as coxas, mas isso serviu apenas para aumentar a ânsia. Esta subiu-lhe pela barriga, espalhou-se pelas coxas. O facto de não ter nada a cobri-la para além de uma minúscula toalha de banho verde não fazia nada para a reconfortar.

— Ou vai dizer que sim? — sussurrou ele. — Vai deixar-me enchê-la com os meus dedos e a minha língua? Vai permitir que o meu pénis a penetre, com força e profundamente?

Céus, mais daquelas palavras perversas que lhe davam ideias libidinosas — e se faziam acompanhar por imagens irresistíveis.

Morgan lançou a cabeça para trás, contra a porta, e fechou os olhos. Queria dizer sim, desejava como nunca antes o prazer proibido que sabia que Jack lhe podia dar.

Uma vez. Só uma vez, sussurrava uma voz dentro da sua cabeça. *Que mal poderá fazer?*

Em breve, com alguma sorte, poderia pôr para trás das costas os problemas com o assediador, regressaria a L.A. para filmar a temporada seguinte de *Turn Me On*. Jack Cole não seria mais que uma recordação escaldante que repescaria nas noites frias e utilizaria quando precisasse de se aquecer. Simples.

— Jack...?

— Quer alguma coisa? — A voz dele provocava-a enquanto os dedos deslizavam como um fantasma sobre o abdómen dela, sobre a sua anca. Aqueles olhos negros, em constante movimento, aquela boca brincalhona provocavam-na sem misericórdia.

Morgan e a sua resistência estavam feitas.

Em resposta à pergunta dele, agarrou-lhe na mão e fê-la deslizar para a sua púbis. Ele deslizou um dedo quente por entre os seus lábios inchados e contornou o seu clítoris uma vez, duas vezes. Ela arquejou, assaltada pelo desejo de abrir as pernas para ele.

— Se quer alguma coisa, *chère*, largue a toalha. Quero-a toda e quero-a nua.

Morgan recusou-se a parar para pensar, para reconsiderar. Teria tempo

de sobra para isso mais tarde. Em vez disso, puxou pela toalha. Esta caiu ao chão, silenciosa, deixando-a coberta de pele de galinha — e nada mais. Ela estremeceu — mas não do frio.

Jack fitava-a com olhos quentes que prometiam um prazer enlouquecedor.

— Mal posso esperar por a penetrar, tão profundamente que jamais o esquecerá.

A boca dele cobriu a dela num beijo escaldante. Não, ele fez mais do que cobrir a boca dela. Ele devorou-a, consumiu-a, possuiu-a. Morgan abriu-se a ele, aceitando os movimentos famintos da sua língua, que ofereciam as especiarias do seu gosto e o calor do seu desejo numa devastadora dança de sedução. Os joelhos dela enfraqueceram numa questão de segundos. A paixão dele tinha o coice da pimenta de caiena, compensada pela doçura do mel, enjaulada num controlo de aço. Única. Intoxicante. Ela gemeu na boca dele e ele engoliu o som faminto.

As mãos de Jack desceram para as suas ancas e agarraram-na, puxando-a contra a sua ereção coberta pelas calças de ganga. Um ligeiro toque no sítio certo e o desejo dela disparou. A ânsia no seu sexo aumentou. Ele voltou a encostar-se a ela, levando Morgan a erguer uma perna e a envolver a sua cintura, abrindo-lhe o corpo numa súplica silenciosa.

Ele aceitou de imediato, agarrando a coxa dela e prendendo-a sobre a anca, colocando-se em perfeito contacto com o clítoris dela. Morgan levou as mãos aos seus ombros nus e firmes como aço, agarrando-se, ao mesmo tempo que se sentia tonta de desejo.

Ter-se-ia alguma vez sentido assim tão excitada? Não. Alguma vez desejara tanto alguém que lhe parecesse que o seu sangue ia ferver, caso ele lhe virasse as costas e se afastasse? Não.

Era uma tortura. Era uma delícia.

Ele continuava a comer-lhe a boca, dando pequenas dentadas nos seus lábios, movendo a língua contra a dela. Jack não deixava qualquer parte da sua boca sem atenção, sem o seu gosto. Desesperada, ela esfregou os seios contra a parede quente e dura que era o peito dele, lançou os braços em redor do pescoço dele e afundou-se ainda mais naquele beijo.

Quando ele deslizou os seus lábios dos dela, Morgan agarrou-se a ele, protestando. Ele afastou de si os braços dela e prendeu-os contra a porta, dirigindo-lhe um olhar de aviso.

Os seus olhares cruzaram-se, o dele escuro de desejo ardente, incitando-a a aceitar o que quer que viesse a seguir. O corpo dela estava demasiado faminto, a sua mente demasiado presa no feitiço dele para recusar. A respiração que entrava e saía, rouca, do peito dele, era a única indicação de que ele não estava em controlo absoluto.

Empurrando-a contra a porta, Jack inclinou-se sobre ela, o pénis tocando-lhe de novo no clítoris. No entanto, ele dobrava-se, agora, para acrescentar uma sensação completamente nova: a sua boca nos mamilos dela.

Morgan arqueou o corpo contra Jack, não só ansiosa por lhe dar mais, mas necessitando de o fazer. Ele começou com uma sucção habilidosa, uma lambidela provocante.

— Jack — protestou ela baixinho. — Jack.

— Sabe o que me chamar — avisou ele, beliscando com os polegares e os dedos os seus mamilos sensíveis. — Enquanto não se vier, não quero ouvir o meu nome a sair dos seus lábios, *chère*.

— Sim, senhor — cantou ela. Qualquer coisa para voltar a ter os seus mamilos na boca dele.

Ele recompensou-a com uma quente sucção dos píncaros dos seus seios, primeiro um, depois o outro. De um lado para o outro. Uma e outra vez. A língua, quente e redemoinhante, depois suaves dentadas que a faziam arquejar e arranhar.

Pela primeira vez na sua vida, sentiu o sangue a encher-lhe os mamilos, a intumescê-los.

Com uma última lambidela, ele afastou-se para observar o seu trabalho.

— Lindos. Devia mantê-los sempre assim, ligeiramente macios, rosados, hirtos, esperando por mais um toque.

Ele voltou a envolvê-los com os polegares e os dedos, num beliscão que a fez prender a respiração. Depois torceu-os, apenas o suficiente para fazer Morgan gritar — enquanto a humidade jorrava por entre as suas pernas numa nova torrente. Credo, ela nunca fora tão sensível, nunca se sentira capaz de atingir o orgasmo só por brincarem com os seus mamilos. Tinha lido sobre aquilo, mas nunca acreditara que fosse possível. Até àquele momento.

— Está escorregadia e a arder por mim? — perguntou, a sua respiração brincando-lhe com o pescoço.

— Sim — arquejou ela.

— Sim, o quê?

— Sim, senhor.

Jack deslizou dois dedos ao longo do vale entre os seus seios, percorreu o abdómen, a púbis, embrenhando-os em seguida no seu calor húmido. Tocou levemente no seu clítoris e ela gemeu contra a sua boca.

— Toque-me — gemeu ela.

— Não lhe cabe a si dar as ordens, *chère*. Aceite aquilo que lhe dou. Independentemente de como lho dou.

— Mas...

Jack recuou, pondo um fim a qualquer contacto. Morgan fitou-o, de olhos arregalados. *Sacana.*

— Ou fazemos isto à minha maneira ou não o fazemos de todo. Como é que vai ser?

— Raios, como é arrogante — disse ela, por entre os dentes cerrados, enquanto o desejo e a crepitação a queimavam por dentro.

— Já tínhamos chegado a essa conclusão. Como é que isto vai ser, *chère*? A escolha é sua.

No final, Morgan já estava demasiado perdida, demasiado curiosa em relação às alturas a que ele a conseguia levar, para poder dizer qualquer outra coisa.

— À sua maneira... senhor.

— Linda menina. Afaste essas lindas coxas.

Inclinando-se contra a porta, Morgan afastou bem os pés. Jack percorreu com os dedos os seus lábios inchados e molhados, brincou com a ponta do seu clítoris, cobriu de suco as suas coxas. A respiração dela tornou-se mais tensa, bem como os batimentos do seu coração. Espantoso. Jack sabia exatamente como a tocar, onde, durante quanto tempo, para a manter no limite, para aumentar o seu desejo mas nunca o satisfazer.

Pouco depois sentiu uma nova descarga a cobrir-lhe a pele. Ela era um desejo gigante, gemente, que morria por que ele a enchesse, conquistasse aquela necessidade monstruosa que tinha criado nela. Morgan percorreu os ombros firmes dele com as mãos ávidas, as linhas incríveis dos seus peitorais, o abdómen definido. Ele impressionava-a. A carne tão dura por todo o lado, mas a pele tão suave e sedosa.

Ele atraiu-a para mais perto do limite do seu domínio com dedos talentosos, uma ocasional dentada num seio. Os seus beijos demorados e ardentes faziam-na gemer, arquear o corpo, implorar silenciosamente. Ele brincou com ela, excitando-a mais e mais até ela ficar tonta, em delírio, disposta a fazer quase tudo para que ele pusesse um fim ao seu tormento.

Desesperada, ela deslizou a mão pelo seu estômago e agarrou o inchaço do seu pénis por cima das calças de ganga. Enorme. Espesso e duro como ferro, ele podia dar-lhe o que o seu corpo pedia. Então porque não o fazia?

Com um silvo, Jack agarrou no pulso dela e prendeu-o contra a porta, perto da sua cabeça.

— Não pedi para me tocar.

— Pensei que ia gostar — arquejou ela.

— Pensou que me podia roubar o meu autocontrolo, Morgan, para que pudesse ter o que quer. *Non.* Tocar-me-á quando eu lhe disser, não antes.

Inquieta, mais do que necessitada, ela saltou de um pé para o outro.

Ele mantinha-lhe as pernas abertas, os pés entre os dela, de tal forma que não as conseguia fechar. Os dedos dele brincavam outra vez com os seus mamilos, agora ligeiramente doridos. E, por uma qualquer razão, aquele pequeno toque de dor tornou cada toque ainda mais vívido, lançou cada carícia diretamente para o seu clítoris.

— Por favor, senhor...

— Por favor, o quê, *chère*? — Ele beliscou-lhe os mamilos e murmurou a pergunta contra os seus lábios: — Quer que a foda?

Em toda a sua vida, nunca tinha dito tais palavras a um homem. Nunca se imaginara a dizê-las. Contudo, agora, não se conseguia imaginar a dizer qualquer outra coisa. Precisava de Jack, imediatamente — com força, de pressa, palpitante.

— Sim — sussurrou ela. — Foda-me.

Ele hesitou, uma sobranceira escura erguida e expectante.

— Senhor — acrescentou ela, apressadamente, arquejando. — Foda-me, senhor.

Em recompensa, ele deslizou dois dedos pelo clítoris dela e traçou pequenos círculos tortuosos em redor da pequena ponta rija. Morgan tinha pensado que, decerto, a sua excitação não poderia aumentar ainda mais. Estava errada, pensou com um gemido.

Estava tão perto, a respiração de Morgan era audível. Uma inspiração arrastada, uma expiração apressada, o ar enchia-lhe os pulmões mas nunca lhe chegava à cabeça. Aí não exista mais nada para além do batimento do seu coração, afogando tudo o resto com exceção do desejo de o sentir profundamente dentro dela.

— Abra-me as calças.

Morgan não hesitou, não provocou. Apressou-se a abrir o fecho e a puxar as calças quentes ao longo das ancas dele. Ele não usava roupa interior, pelo que o pénis saltou para as suas mãos expectantes.

Ela massajou-o. A sua técnica era rápida e inexperiente, estava certa, conduzida apenas pela necessidade de lhe tocar, de sentir o homem que em breve estaria dentro dela. Os punhos fechados em seu redor, um sobre o outro, afagaram todo o seu comprimento e ela regozijou-se.

Até ele ter agarrado nos seus pulsos e afastado as suas mãos, empurrando-as de novo contra a porta.

— Não está a seguir as indicações, *chère*. Eu disse para me abrir as calças, não para as descer, nem para me tocar no pénis. Volte a falhar e não terá direito a esta queca.

Ela mordeu o lábio, tentando encontrar alguma paciência, e acenou.

— Compreendo... senhor.

O clítoris de Morgan pulsou só por pronunciar aquelas palavras. Céus,

o que havia de errado com ela? Estava demasiado perdida para se importar. Mais tarde...

Em silêncio, ele retirou uma pequena embalagem do bolso e empurrou as calças até aos joelhos. Segundos depois, abria o quadrado de prata e cobria a cabeça arroxeadada do seu pénis, depois desdobrou-o ao longo de todo o seu comprimento. Lentamente. Demasiado lentamente. Morgan resistiu à vontade de o ajudar, de o apressar e de bater os pés com impaciência.

Subitamente, Jack dobrou-se, pegou nela pelas ancas e prendeu o corpo dela entre o seu e a porta.

— Ponha as pernas à volta da minha cintura.

Morgan hesitou. Poderiam as pessoas ter relações de pé? Nunca tentara nada mais exótico do que a mulher por cima.

— Faça-o. — A voz dele estava envolta em aço.

Sem outra pausa, Morgan ergueu as duas pernas e envolveu com elas as ancas de Jack. Momentos depois, ele recompensou-a com o toque do seu pénis sondando a sua entrada, grosso e pronto. Sustendo a respiração, ela agarrou-lhe os ombros; estava no fio da navalha, esperava.

Ele deslizou a ponta para dentro dela e até aquele pedaço duro lhe pareceu o céu, como um elixir mágico capaz de curar o desejo que, naquele momento, a consumia viva.

— Diga-o outra vez — exigiu ele, a voz tensa. — Diga-me o que quer.

Morgan nem considerou a hipótese de se refrear.

— Foda-me. Agora!

Dito aquilo, ele puxou as ancas dela para baixo, ao mesmo tempo que erguia as suas. Os tecidos desacostumados a tal invasão protestaram inicialmente, incapazes de acomodar todo o seu tamanho. Ela gritou.

— Relaxe — rosnou ele. — Abra-se a mim, *chère*.

Morgan fez o melhor que pôde para relaxar os músculos — algo difícil quando estava a ter uma morte lenta pelo desejo. Jack não parava de empurrar através dela, a lâmina da sua carne cortando através dela como manteiga macia, tocando as terminações nervosas com a cabeça larga do seu pénis, acordando-as, deixando arrepios a gritar no seu caminho. Ele fez com que o seu desejo crescesse ainda mais e pareceu demorar uma eternidade até ele se ter enterrado até ao fundo. Oh, céus, ela precisava de se vir.

Nunca tinha recebido um homem assim tão grande, assim tão fundo. Conseguia senti-lo em todas as suas partes mais recônditas. O diâmetro dele esticava-a até a sua carne arder. No entanto, não era suficiente.

Aquele toque de dor alimentou algo dentro dela. O seu sangue corria, veloz, a transpiração corria-lhe pela pele. A dor deixava-a extraordinariamente consciente do facto de estar viva, do prazer que rolava ao lado da dor.

— Mais! — exigiu. — Por favor...

Sem aviso, ele retirou-se quase por completo, depois voltou a entrar, muito mais suavemente do que antes. A dor desvaneceu-se, mas carregara os tecidos do seu órgão sexual como nada antes disso. Estava disposta a jurar que conseguia sentir cada centímetro, cada veia do pênis dele a deslizar pela carne, subitamente sensível, dentro dela.

Jack despertava um prazer agonizante em cada movimento lento, em cada deslizar da cabeça inchada do seu pênis ao longo da carne interior que a deixava a arquejar. Um desejo ardente e arquejante apoderou-se dela, isolando-a de tudo com exceção do toque dele, da necessidade que sentia por ele.

— *Chère, tu sens si douce* — murmurou-lhe ele ao ouvido, enquanto se lançava de novo para o seu interior. — Sabes tão bem.

Ela tentou aguentar-se, resistir contra o prazer que ameaçava varrer a sua sanidade. Contudo, perante aquelas palavras e mais um forte impulso do pênis, o orgasmo engoliu-a como um furacão em fúria — rápido, forte, ao contrário de tudo o que alguma vez experimentara.

— Jack! — gritou, as unhas mordendo os ombros dele.

Morgan soube, então, que o seu instinto inicial estava correto; não voltaria a ser a mesma.